

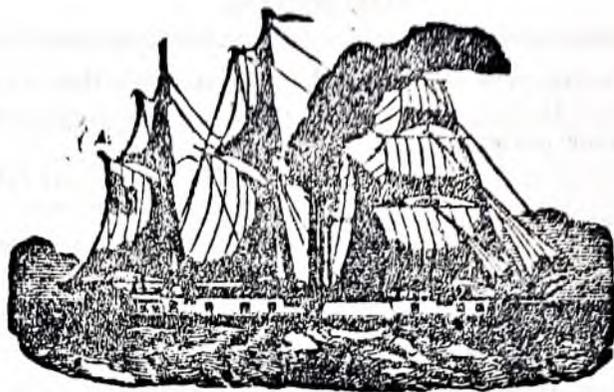


O

ALABAMA

1864-1865

I.G.H.B.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 12.^a

BAHIA 1.^o DE OUTUBRO DE 1864.

N.^o 116

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17
a 4.^o rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 29 de setembro de 1864.

Officio á camara municipal para que se digue mandar reparar em quanto é tempo, o caes do Fortinho, unico que ha em toda a extensão do Comercio ao Noviciado, o qual caes se acha já bastante deteriorado pela accção estragadora do mar e pelos mãos materiaes com que foi construido.

— Ao Dr. procurador fiscal, pedindo-lhe que mande vir á sua presença os autos do padre Alexandre da Silva Menezes que sendo herdeiro de suas tias Maria da Luiza da Incarnação e Anna Maria da Conceição, não pagou o sello de herança, é preciso que não seja prejudicada a fazenda publica.

— Ao Sr. subdelegado do 1.^o districto de Santo Antonio, participando-lhe que no domingo 2 de outubro ha *eleições de meninos* em que tomam parte os maiores de todos os partidos, o que pode occasionar alguma grave desordem.

— Ao Sr. subdelegado da Rua do Pago, chamando sua attenção para diversas *calogis* existentes na rua das Flores, onde se reuñem não só immensos africa-

nos, como gente filha do paiz, para actos de devassidão e immoralidade.

Portaria ao fiscal geral, ordenando-lhe que vá ao Canto de João de Freitas, sobrado n.^o 7 e passe a o multar proprietario ou dono daquella obra, por consentir que os trabalhadores della estejam a atirar pedras e calça para a rua, em risco de offender a quem passa, como ia acontecendo no dia 29 a dous homens que desapercibidos passavam. Cumpra.

— Ao guarda-marinha pedestre Guilherme, ordenando-lhe que vá ao beco do Padre Bento, acompanhado de dous guardas policiaes e faça conduzir a bordo de qualquer navio de guerra um desgraçado menino-papa-gatos, que quando nada, é capaz de com uma pedrada, enviar para o outro mundo a qualquer pessoa. Cumpra.

—•••••

—Capitão, estamos perdidos.

—O que ha de novo?

—Cosas que parecendo novas são mais do que velhas.

—Conte-me isto.

—Antigamente houve um homem que propoz uma accção ao Senhor do Bomfim, por causa de terras que possuia a capella. Perdeu o Senhor em todos os tribunaes do paiz.

—Isto é velho.

—Ouça o resto, capitão. Um certo ex-thesoureiro da dita capella está em contenda com o actual; sabe porque?

—Ouvirei.

—Por dous votos, capitão, um de José e outro de Jorge; e por que o thesoureiro mandou desmaechar dous botequins que se achavam no largo do Bomfim.

Correram os sujeitos ao Dr. Freire e o Dr. deu queixa contra o thesoureiro; é o que dizem.

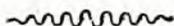
—Que mais?

—Disseram-me que o thesoureiro tirou a conta do que deve o Dr. Freire ao Senhor do Bomfim e o homem tem de pagar uns quatro centos biquinhos seguros...

—Estão então pegados!

Lá se intendem elles dous; são brancos, lá se avenham! por lá se gastem!

Queira retirar-se que a sua noticia foi um montão de desconchavos!



—Capitão, ha no mundo certos biltres que passam por homens de criterio e sao uns tratantões; por exemplo Xico d'Amor rir-Facão da Matança Junior.

—Pelo nome...

—Não tem duvida: era inventariante d'um caz l e fazia o diabo. Arrendava terrenos d'uma fazenda, vendia madeiras, levantou 800\$ rs. que estavam recolhidos no deposito publico, recebia 700\$ rs. annuaes d'uma grande caza, tinha lenha para cosinhar e vender, agua para o mesmo e lavar-se e beber, e finalmente uma grande caza para morar, além dos fructos e fructas que comia, dava e vendia, etc. etc. etc. Sabe porém o que dizem de mais importancia?

E' que o maganão vendeu a uma visinha parte dos limites da tal fazenda.

—E que fazem os herdeiros?

—Uns nem sabem a quantas andam, e outros quando intentam alguma acção, o melro pede vista e vae entretendo assim o tempo, sem proceder á partilha por que sabe que perde a manadeira e... *finis coronat opus*, adeus, Srás, que eu parto!

—Hei de mandar agarrar o patife.

—Ja tarda!

E' um patife que com o dinheiro do casal faz guerra aos herdeiros.

—Que maganão!



—Quem conhece o delegado do Ovo?

—Quem, homem?!

—O delegado do Ovo.

—Que terra é esta?

—Novidade de Abrantes.

Pois não sabe que ha um delegado que

mandou proceder a um corpo de delicto n'uma mulher, com um ovo?

Ca, ca, ca!

—Homem, ouvi fallar.

Ca, ca, ca!

Não foram tres bruxas as peritas?

Sei até que uma disse que estava a moça offendida e que o offensor era o accusado.

Ca, ca, ca!

—Nada mais simples.

—E a graça è que tendo requerido o supposto offensor para cazar, teve por despacho que era impossivel, visto que não concordara, quando lhe lembrara a autoridade!

—Ca, ca, ca! Esta é galante!

—E veio remettido o pobre filho de Deus, agarrado por um morcego orelhudo, arvorado em capitão!

—Olhe que nestas villas succedem cousas boas!

—Quanto mais na villa do Ovo com o delegado do Ovo!

—Ca, ca, ca! Que juiz da roga!



—Capitão, passou agora pelo Terceiro um sujeito vestido de mulher. Chamaram a patrulha para o prender; e o commandante della respondeu que tal não fazia, porque não queria saber no Alabama, como já sabiu por dar a'um velho no Taboão.

—Fez muito bem.

E o sujeito?

—Desceu pelas Portas do Carmo, levando atraz de si dous guarda-costas, sem que niuguem se animasse a prendel-o.



—Iôio Dr.?

—Que quer?

—Então, cadê?

—Ora! pois V. quer que traga dinheiro agora de noite! Va em minha casa. Não sabe onde é? E' no Maciel.

—Pois de noite não se anda com dinheiro, não? Vim. quando tomou o doce, não me disse que dava logo? E agora está me mangando.

—Já disse que agora de noite não trago dinheiro. V. sabe que se mata a gente sem trazer dinheiro, quanto mais trazendo.



—Até certo tempo quem tinha discernimento é quem podia peccar e fazer por

tanto penitencia, em prova de seu arrependimento.

Agora até os cavallos são obrigados a jejuar.

—Como?

—Como! não comendo.

—Como?

—Ora ouça. Não sei quem, o fiscal provavelmente mandou depositar no curral do conselho um cavallo, que lá ficou sem comer quatro dias pelo menos.

—Quatro dias!

—Quando porem presenciou o administrador que o *bichinho* se não acostumava com a graça, mandou-o deitar fora pelos magarefes que trouxeram o *animalejo* em charola.

Ao chegar á porta os homens estavam cansados a morrer; arceiaram a carga. O *insecto* ajoelhou-se.

Quem o visse arrebentara de riso, como de rir-me estourei.

Pega d'aqui, pega d'alli; levanta uma perna, cãe a outra, segura acolá, arriba, indireita—foram as palavras que pronunciaram e as manobras que executaram os magarefes.

E com effeito lá se foi em procissão o cavallo que foi atirado em corpo e alma á porta do Sr. capitão Maximiano em S. José, e ali ficou dous ou tres dias a aromatisar as ventas publicas até hontem quinta feira, 29 do cadente.

—E o fiscal que o viu vivo não o viu morto?

O administrador do curral não é empregado da camara?

Eis ahí porque quem tem seu gato podre atira-o á rua.

—E breve teremos os cães; as bolas ja ahí andam.

—De cima nasce a corrupção dos povos. .

—A companhia do olho-vivo faz prodigios!

—Alguna façanha nova?

—Hontem á noite o filho de um carniceiro de S. Bento, com quem o subdelegado da rua do Paco ja andou ás voltas, por causa de um *gamado* que lhe foi tirado de dentro das meias, foi ao chafariz do Terreiro em companhia de mais dous; um

delles pediu ao Venancio um pouco d'agua e em quanto bebia, o filho do carniceiro *bifou* o balnio de uma preta onde havia uma porção de dinheiro e largou-se.

—Está no seu direito.

PARTE COMMERCIAL.

REVISTA DO MERCADO.

Os paquetes entrados da corte do Brazil pozeram a nossa praça em alvoroço.

O commercio de Latronopolis anda n'uma adubadura!

Os animos timoratos vêm a columna financeira do paiz despregar-se de sua base economica, e despeñar-se no abysmo da bancarrota!

Reunem-se as direcções dos estabelecimentos bancarios, para deliberar, e não sabem o que façam!

Os homens do nosso commercio andam á tóa como caranguejos, em lua nova no tempo de entrudo!

E tudo isso por uma unica causa!

Quebrou o banqueiro Souto!

Aquelle soberbo edificio, que parecia sustentar-se sobre fortes columnas construidas de excellente probidade e cujas paredes suppunham todos rebocadas de pura honradez, enganando assim os credulos, que se suppunham, pela sua solidez ficticia, á sua sombra abrigados das intemperies da sorte e dos vendavaes do accaso, desmoronou-se, não ponde resistir a um pequeno aguaceiro de pontualidade!

Aquellas paredes que se diziam fabricadas de pura cal de equidade ligada com fino barro de economias, verificou-se que não passava de uma argamassa de dissipações e prodigalidades, cimentadas de desperdicios.

Correm no vulgo diversas versões sobre a origem da quebra do laborioso e honradissimo banqueiro.

Entre ellas ha uma singular.

Diz-se que certo capitalista depositára alli 8,000:000\$ em moeda *baptisada*, e que o dinheiro não se dando bem nos cofres do banqueiro, fugira para o banco de Inglaterra, onde está mais seguro.

O que é certo é que aquelle colosso de dinheiro, aquella montanha de riqueza não ponde satisfazer a um pequeno compromisso e fez ponto, ficando pobre, pobrissimo como Job.

Mas na adversidade ha sempre um balsamo consolador.

S. M. o imperador dignou-se manifestar seu sentimento pelos prejuizos, que

soffreu em sua fortuna o honrado banqueiro!!!

Ventam rios de lagrimas as viúvas, e os pobres pranteam longamente!!!... seccou a fonte onde matavam a sede da miseria.

Aquella massa enorme de cabedões accumulados, que não era em producto de meia duzia, derreteu-se ao calor do sol ardente das Tranquibernias.

E o homem cuja generosidade em publico, era reconhecida, que dava tanto do seu aos outros, aquella caridade que estendia-se até aos lobos e leões, dando-lhes vida regalada, não terá talvez amanhão com que possa satisfazer suas mais pequenas necessidades.

Inexplicavel destino da sorte!

O commercio de Lutronopolis com tudo vae atravessando a crise, apesar da desconfiança que lavra, e parece resistir ao choque, si novas oscillações não vierem entornar o caldo!

Fizeram-se algumas transacções de compras e vendas, tanto de generos do paz como estrangeiros.

Entraram e sahiram diversos navios.

Entrou a barca *Sessenta e cinco*, com um carregamento de *pancaduria* à consignação da casa.

Chegou uma partida de *ferimentos* procedente de *Crau-merim* no chaveco *Bandeirola*.

O commercio tem estado animado em roubos.

O carregamento do brigue *Wenceslau* procedente de *Santa Inez* foi vendido sobre agua para a ilha da *Correcção*.

Os depositos de *lirio* estão suppridos, graças à providencia de nossa edilidade.

De generos alimenticios não ha falta.

A carne verde por um bem pensado accordo entre os magarefes e agentes municipaes vende-se até à horas da tarde para commedidade da pobreza.

MOVIMENTO DO MERCADO.

Caridade.—O mercado está vasio a excepção da franceza, que ha em abundancia.

Disturbios.—Não ha por ora.

Falla-se na proxima chegada de uma partida na barca *Sete de Novembro*. E' provavel porém que os importadores procurem outro porto pela incerteza de successo que ha neste.

Illegalidades.—Bastantes. Entraram dos diversos departamentos abundantes sortimentos.

Consta que a camara vae comprar uma partida que será reexportada na barca *Apução* para a ilha da *Verença*.

Pagodes.—Depois dos que appareceram pelas eleições conserva-se fraxo.

Resentimentos.—Abastecido. Os que vieram para depois das eleições estão em ser. Os possuidores estão firmes.

A PEDIDO

Atenção.

Pede-se ao Exm. Sr. presidente da provincia que lance suas protectoras vistas para o hospital militar que se acha n'um deploravel estado, em algumas enfermarias, as quaes acham se sem travessieiros, sem colchões, sem camas, sem ourinoes etc. etc.

Pergunta-se ao Sr. commandante do batalhão de caçadores si o alferes Mauricio Egydio Martins pode andar com duas ordenanças fardados.

Poesias de J. Ignacio.

Ja não posso com tanto, soffrer
Desta jente, canalha maldita,
Pois hoje nesta nobre Bahia
Não se vê mais quem nella admitta.

No viver, da canalha so há
Quem com vera, diz arrebeata —
Mais isto não hé assim—arto lá —
Lá vai raios, coriscos, agua beata.

Os moleques que vie ao Theatro
Com sapatos rôto, pés no chão;
Pesso ao meo Deos que não acusseda
Nem me deixe ver isso mais não.

Pois minha nobre Bahia,
Neste caso ainda nao está,
Para se ver destas cousas
Deixem isto para Pirajá,

Finis coronat opus.

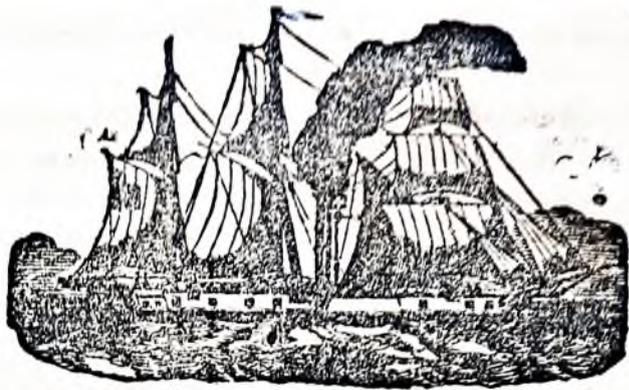
O Tagarella.

ANNUNCIO.

O abaixo assignado pede ao Sr. Francisco Pereira do Nascimento que declare por este jornal quem o encarregou para criar uma sociedade de parques em sua caza ao largo da Soledade e ao depois mudala para a Lapiaba, em caza de quem e quaes os socios com seus nomes e em que mez e data.

Tambem declara o abaixo assignado que desta data em diante continua a receber os fideles que ha porque desde a mudança da mesma de um logar para outro que pede balanco para o seu lucro e não tem tido delibuição Por que não bouve papel de trato? Ou porque havia amizade ou conhaça nelles?....

Ricardo José da Costa.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 12.^a

BAHIA 4 DE OUTUBRO DE 1864.

N.º 117

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Misericordia n. 17
a 40 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 3 de outubro de 1864.

Officio a camara municipal, pedindo-lhe por compaixão que se digue mandar fazer um muro à Jequitaia a fim de amparar o entulho a que a companhia do gaz está mandando proceder e que é realmente um melhoramento publico de algum merecimento.

—Ao Illm. Sr. Dr. chefe, de policia pedindo-lhe que dê as convenientes ordens para que sejam devidamente enterrados os cães que morrem de hollas.

—Ao mesmo, pedindo-lhe providencias sobre os moleques que vivem a enpinar *arraias* e a jogar piões, os quaes reuñem-se em grandes grupos, insultam a quantos passam, e fazem desordens em que além das pancadas que reciprocamente levam, proferem innumeradas palavradas, acompanhadas de gestos obscenos.

Ao Sr. Dr. delegado, pedindo-lhe providencias, assim de que cesse o jogo escandaloso que ha n'um hotel à Calçada, onde vivem trez ou quatro espertalhões á passar vida folgada á custa dos incautos que mui-

tas vezes vão alli deixar não só o seu, como o que não lhes pertence, desacreditando-se a si e arruinando a quem nelles confia, devendo S. S. notar que a maioria dos que alli vão são caixeiros.

—Ao Sr. subdelegado de Brotas, pedindo-lhe que mande a nova capella do Matutú tanger á taca, ou dar as convenientes ordens sobre certos capadocios que fazem daquelle venerando logar uma caza de prostituição, onde vão satisfazer seus brutaes instinctos, suas depravadas paixões.

Portaria ao guarda-marinha pedestre Guilherme, ordenando-lhe que poste duas ou tres sentinellas, durante o dia, na estrada da Quinta dos Lazaros, assim de obstar a que continuem a fazer della monturo, lançando-lhe cavernas ou ossadas de boi, colchões velhos, chifres, gallinhas e gatos mortos, sem fallar nos cães mortos à holla que a policia para alli manda a purificar os ares. Cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que intime ao Sr. Paulo Pereira Monteiro que se faz preciso remover, quanto antes, sua estrebria de cima da fonte do Queimado, pois nos informam que as materias fecaes dos cavallos filtram-se pela abobada e prejudicam a genuinidade d'agua, que é hoje, as vezes, insupportavel; convido fazer-lhe notar que dizem que é este justa-

mente o fim que tem S. m. em mira, afim de protoger os interesses da companhia do Queimado. Cumpra.

—Ao fiscal do Pilar, ordenando-lhe que intime aos moradores da rua Direita do Pilar e Caes Dourado para que deixem de continuar a lançar na rua agnas servidas que ficam alli stagnadas, incommodando o publico, sob as penas das postura. Cumpra.



—Ouviu fallar no caso d'uma mulher que assassinou uma menina queimando-lhe as partes pudendas?

—Não.

—Nem podia ouvir, por que o negocio ficou *abafado*. E depois ella mesmo alardea que conta com a protecção do subdelegado, que é seu *intimo* para qualquer cousa que succeda.

E eu acredito; por que tendo algumas pessoas da vizinhança fallado n'esse facto, foram ameaçadas de processo, e houve até um inspector que attestou que a menina *morrera de morte casual*.

—Onde foi isto?

—Na freguezia de S. Miguel, rua da Nova Fonte, quem vae para a ladeira do Exilio.

—E o nome da fera.

—Constantina.

—Que tempo ha?

—Tres mezes

—Bom. Si a justiça de Latronopolis a deixou impune não a deixaremos nós.



—Capitão, conhece o Carvalho, fiscal das rendas provincias?

—Não, que tem elle?

—Disseram-me que um dia destes praticou um facto que pouco o abandona, que me custa crer.

—Então que fez elle?

—Disseram-me que entrou na noite de 24 de setembro ás 7 horas em casa de uma senhora casada, moradora ás Mercéz, por baixo do sobrado em que mora o 65. em occasião em que seu marido não estava, e espancou-a cruelmente deixando-a em estado de morte, tanto que está *ungida*, e em risco de perder-se duas vidas, porque a pobre senhora está gravida de sete para oito mezes.

—Que rasão teve elle para isto?

—Quem me informou, disse-me que a origem fóra uma troca de palavras entre a senhora do tal Carvalho e a offendida.

Mais eu não asseguro si houveram ou não outras razões.

—Em todo caso foi uma má acção.

E ficou nisto o negocio?

—Não. Houve mais alguma cousa. O subdelegado da Victoria fez corpo de delicto.

—Só?

—Só.

—E o Sr. Carvalho.

—Vejo-o passeiando todos os dias, do que concluo que não foi elle quem espancou a mulher, e sim alguma *sombra* que entrou pelo fundo do quintal, por que si fosse elle, estou certo que a authority, não se quereria desacreditar protegendo um criminoso.

Apezar de que disseram-me que elle diz que quem tem amigo e dinheiro nada soffre.

—De maneira que ella é quem está no risco de perder a vida.

—Eu si fosse o marido, sabia o que havia de fazer.



—Ora um caso galante, capitão.

Um preto, no curral, foi accommetido por um cachorro e deu-lhe uma porretada.

—Não vejo nisto nada de mais.

—Ouca. O cadello sabiu e mais adiante chupou da bolla, o que quer dizer que morreu.

O dono do bicho, Severo, encontra-o morto, vae ter com o preto e exige-lhe paga!

E esta?!

—Está no seu direito.

—Eu acho que o negocio está torto; si eu fosse o negro, pagava-lhe quando se abolisse a postura dos cães.

—Da *postura de cães* é que precisa o credor.

—Bem lembrado, capitão!

Jasmim de cachorro, não é isto?!



—Capitão, soube agora uma, que parece incrível.

—Alguna banalidade, talvez.

—Não, um caso serio.

— Vejamos.

— Ouça:

O Sr. Domingos, homem pardo, porém honesto, pobre porém laborioso official de alfaiate, tem dous sobrinhos pardos escuros a quem educa.

Levou-os ao Sr. Ladislau José de Carvalho, professor de primeiras lettras que tem aula na rua dos Sapateiros, para ensinar-lhes a ler, o qual nisto conveio pelo preço de 2\$500 rs. mensaes por cada um.

Depois de dois dias o Sr. professor manda chamar o tio dos meninos, e diz-lhe:

Não posso continuar a ensinar seus sobrinhos.

Porque, Sr. professor

Porque são pretos.

Pois Sr. professor na instrucção tambem ha distincção? E si o Sr. tinha estes precocitos de cores para que acceitou meus sobrinhos?

Agora a razão que tinha para despedil-os era si eu lhe não pagasse, ou si meus sobrinhos tivessem má conducta, o que o Sr. ainda não pode avaliar porque ha dous dias estão elles aqui.

Mais que quer meu amigo, veio aqui o pae de quatro discipulos que tenho e extranhou que eu ensinasse discipulos pretos, e disse-me que neste caso retirava seus filhos. Eu que por dous não quero perder quatro, lhe mandei chamar para entregar seus sobrinhos.

—E Vm. acredita nisto, não está vendo que é impossivel?

—Não sei, capitão, disseram-me, não asseguro.

—Quem lhe disse?

—O proprio Domingos tio dos meninos.

—Quem é esse Domingos?

—E' um alfaiate official do Mesquita.

—E o branco pae dos meninos, como se chama?

—Não sei.

—E dizem que estamos n'um paiz livre!

—Guarda marinha!

—Prompto!

—Chame o professor Ladisláu para defender-se.

—Ja!

—Capitão, fui no domingo onvir missa em S. Francisco, e vi lá um sujeito, n'um canto sosinho abrindo um cofre que tinha

uma estampa de S. Benedicto, tirando os cobres, e guardando n'uma commoda, não sei para que.

—Talvez fosse o thesoureiro que estava dando balanço.

—Porém só sem o concurso da meza?

—O que tem isto?

Pode ser que os outros não fossem e elle quizesse adiantar o negocio.

—A secretaria da ordem 3. do Carmo começa seus trabalhos quando as outras acabam.

Abre-se alli as 4 e 5 horas da tarde

—Occupações do escripturario.....

—Progresso! Progresso!

—Que f maceira é aquella alli na rua de Nossa Senho ad'Ajuda?

—E' um imprudente marceiro que intende que deve todas as noites n andar queimar n aravalhas alli detraz da egrja incomodando assim aos prudentes moradores d'aquella rua.

—Pois bem, hei de n andar o guarda-marinha acompanhado do fiscal da freguezia afim de fazer-lhe observar a postura.

—Viva o progresso commercial da Bahia! Vivô!

—Então que ha de novidade?

—A loja ponto virgula, capitão.

—E que tem lá isso, não vejo cousa alguma que cause admiracão; ponto e virgula e um nome todo commercial, e na escripta de summa precisão.

—A *Catana* já disse que alli não se usa de ponto final, enganou-se redondamente, é outra a minha interpretação.

—Então exprima-se claro—

—Ponto e virgula, capitão, é um sentido imperfecto,—todo sentido que não é perfeito tem pancada na bola—, logo o dono da loja não tem juizo por que apellidou-se por uma cousa que realmente é Srs. freguezes, sentido com o maldito ponto e virgula,—sempre é cousa de homem e mulher.

A' PEDIDO

Previne-se a certo empregado publico, que por desgraça destu Latronopolis, passou de continuo a escripturario, que se

continuar a andar pelos quintaes da vizinhança, na fonte de *Pedras* com a sua companheira e querida Santa Lucia a roubar a crição alheia, como ultimamente foram apanhados com um casal de gallinhas da Conchinchina de um coronel de *Mattos*, e como a escrava do dito coronel fallasse, dizendo que elles eram queira furtavam as gallinhas de seu senhor, ameaçaram-na dizendo-lhe que se fallasse haviam de cortal-a de chibata.

Não haverá quem agarre estas raposas humanas, e metta as n'uma gaiola correccional para não comerem as gallinhas alheias.

Um prejudicado.

Continuação das Poesias do coronel Tranquillino.

Soneto.

O tú de Julho dons, dia almeijado
Que agente Brazileira a palma deste,
Teos louros vencimentos lhe trouxeste,
Das phalanges de Lizias alcansados.

De mil sónoros hymnos festejados
Tem de eterno viver dia Celeste
A' invensível Bahia, em pomp'atteste
Grato seo regozijo aos C os levados.—

Querião Captivar a humanidade...
Antigos mandões, que a fama houverão
Esqueça-se d'uma vez antiguidade.
Louve-se herois que a patria só quizerão
Trazer a suspirada *Liberdade*
Que p'ra sermos Nação o sangue derão.

Sr. Paulo, Vm. não quiz tomar o conselho que lhe davamos, agora aguenta a peça que lhe pregou o filho de *Catele*.

A desgraça e perdição de muitas familias, é proporcionada às vezes por seus chefes.

Um visinho.

Desmentido.

A publicação da *Tempestade* n.º 2 sobre um facto que se dera na guarda do Collegio é toda inexacta.

Principia por dizer que era o cadete 2.º sargento de nome Amancio do corpo de caçadores que estava de guarda, quando era o furriel João Paulo da Silva Maia, o

qual foi victima dos desatinos do soldado Francisco Antonio de Salles que entrando embriagado para a guarda pertence alli, por uma maneira intoleravel, com grande recite à disciplina que não permite insubordinação. Os companheiros de guarda podem jurar sobre o procedimento do referido soldado.

Inimigo, como sou, de injustiças, venho protestar pela imprensa, contra a falsidade, de tal publicação, em que sem duvida foi mal informada a redacção da *Tempestade*.

Assevero que estou prompto a me apresentar para jurar, si necessario for, assim de que não se diga que a minha defeza é de encomenda.

Um que vio.

Pergunta-se ao Sr. subdelegado do Pilar que providencias deu á respeito do facto de haver passado um carro na sua freguezia sobre um homem ha algumas semanas.

O curioso.

ANNUNCIOS.

O abaixo assignado interpellado pelo Sr. Ricardo José da Costa para responder por este jornal sobre negocios de que falla no seu pedido inserto no n. 416, declara, qu' só em juizo o fará, si assim lhe convier.

Francisco Pereira do Nascimento.

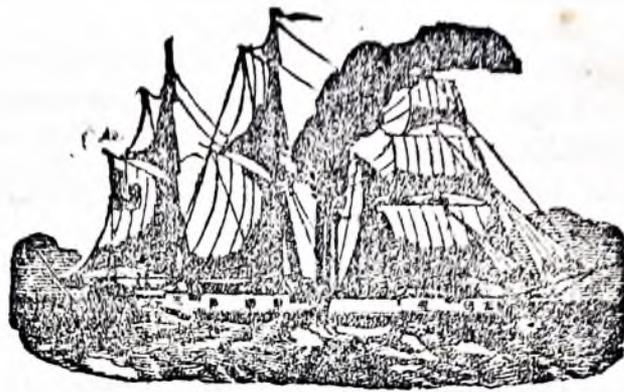
O abaixo assignado, pede ao Sr. L. F. Pê-de-limão que vá buscar o seo sophá que está prompto desde 8 de agosto de 1865, e no caso de que não queira, declare para tratar-se de sua venda, pois o annunciante é pobre, e não pode ter dinheiro empastado.

Bahia 2 de outubro de 1864.

Bento Ignacio de Oliveira.

Quem precisar de uma optima ovelha com cria bastante nutrida, procure na caza n. 12 ás Portas do Carno.

No dia 1.º do corrente perdeu-se uma espora de metal branco com rozeta nova, desde a casa de correccão a é a rua de D. José, á quem achar roga se o especial favor de mandar por nesta typografia, e gratifica-se até se exigirem.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 12.^a

BAHIA 7 DE OUTUBRO DE 1864.

N.º 118

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17 a 1^o rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 6 de outubro de 1864.

Officio ao Sr. Dr. chefe de policia, pedindo-lhe providencias, para que seja removida como perigosa uma fabrica de foguetes que ha em S. Raymundo em caza de um official da guarda nacional, fabrica que dizem ser alli conservada por milagres de *Santo Astolfo*.

—Ao mesmo, chamando sua attenção para a illuminação publica nestes ultimos dias, em que ha ruas inteiras que ficam em trevas, especialmente a ladeira dos Gatos, rua do Tijollo, Estrada Nova desde o becco do Ferrão até a esquina de S. Miguel— e pedindo-lhe providencias contra o abuso dos accendedores da mesma que costumam apagar os lampcões logo que dão 4 horas.

Portaria ao feitor dos africanos *livres* escravos da nação, ordenando-lhe que acompanhado dos mesmos vá á ladeira do Taboão, e faça carregar com a montureira que existe na dita ladeira no lugar em que ha uma volta de frente da casa do Frazão. Cumpra.

—Que sujeito è aquelle, que lá vae tão *damnos*o requebrando-se como uma dama, a estas horas da madrugada?

—E' o alferes das gamellas,

—Para onde vae?

—Para caza.

—Donde vem?

—Da *caza correccional*, onde passou á noite em companhia de um collega de armas.

—Homem, isto é serio?

—Tão serio como hoje è quarta feira.

~~~~~

—Novidade.

—Desembuche.

—Sabe da nova companhia de carros?

—Si são deste jaez as suas novidades, viro folha.

—Ora ouça o resto.

—Sabe que o decantado provedor da Mizericordia pediu ao governo o privilegio dos interramentos para a tal companhia?

—Não:

—Pois dizem; disseram-me até que a *Critica* apoiava porque os Arianis eram *careiros*.

—Tanto melhor; si são *careiros*, não ha necessidade de privilegio para ninguem; os barateiros terão toda a freguezia, sem o odioso de um privilegio desnecessario, immoral e revoltante.

—Mis V. não vê que os membros da

companhia são grandes, ricos, e portuguezes?

—Ah! sim! os salvadores do Brazil, os barões e os commendadores!

—Mas os Arianis são estrangeiros que nunca tiveram um caixeiro estrangeiro, e tem de quarenta a cincoenta operarios livres, todos brazileiros, sem fallar nos boleeiros.

Privilegio!

Porque e para que?

Com que direito?

Que invenção apresentaram?

—Privilegio para encher a barriga de meia duzia de sabidos, que se reunindo com alguns brazileiros descuidados, tem de pol-os amanhã de porta em porta.

—Homem, salve sempre a excepção.

—Ora adeus! V. bem sabe que trampa secca não pega em az lavado....

—

Um *spiritoso* correspondente do *Jornal do Commercio* anda com a cabeça á roda.

Visionario, imaginou cacetadas e cabeças quebradas na freguezia de Santo Antonio, intervindo no conflicto a authoridade.

—Quando, Sr.?

—O homem está doudo!

—E ha muita cousa por ahí que tira o juizo.

O homem viu até znavos!

—Estava com a vista escura.

—Pelo contrario, viu tauta cousa, que chegou a ver estrellinhas ao meio dia.

—Bebé tem cousas!

—E' da familia, andam todos com o juizo ardendo.

—

—Que barulho è este?

—E' um samba.

—Que horas são?

—Duas horas da madrugada.

—Safa! os visinhos aqui não dormem?

—Queixam-se todos, mas que fazer?

—E o inspector?

—Não sei o que faz.

—Quem é elle?

—O José Moreira.

—Pois elle é activo e energico; conheço-o muito.

—Não sei; o que é certo é que, todas as noites quasi, de uma hora em diante ninguém pode dormir.

—Que rua é esta?

—E' a dos Carvões.

—Ah! è negocio de Santo Antonio. .

—Freguezia da roça, terra de sambas.

O inspector tem rasão, até porque não è prohibido.

—Mas a salvação publica è a lei suprema, capitão.

—Ora, rapaz... deixe-me!

—

—O presidente *pavão* anda com seu rabo mettido entre as pernas, mas anda de pescoco duro.

—E' para mostrar a *nova* plumagem.

—Oh! isto é agora moda para os presidentes?!

Tambem usa de cabelleira postica....

—Bem dizem que a epocha é dos posticos.

—Pois viva o *imperio* ou a presidencia dos Braz-Mimosos!

—

—Sr. Lima Barbosa, por onde tem andado?

—Viajando por Cachoeira.

—Que noticias traz de lá?

—A mais importante é' o caso de um portuguez usurario que assentou que devia ser medico.

—Conte-me isso.

—O sujeito padecia d'agna na bolsa do testiculo e mandou chamar o Dr. para lhe fazer operação.

Por causa das duvidas quiz saber logo do preço, e dizendo-lhe o medico que lhe custavam 20\$000 rs., achou muito caro e despediu o esculapio.

Pegou em uma navalha e fez elle mesmo a operação, mas com tanta intelicidade que impurrou-se para a outra vida.

—Que miseria!

—

—Os amigos do Sr. Silva Gomes estão loucos!

Intendem que defendel-o é injuriar a posição.

—Custaram, porém chegaram; antes tarde do que nunca.

—E dão por paus e por pedras, lambem a solla do sapato do presidente e nem de leve tocam na demissão do delegado.

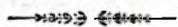
—Antigos conservadores, não querem mostrar-se ingratos, nem que os seus o sejam.

—E é espinhado um certo L. que assignou o artigo!

—Logo que lettra!

Marcada com ferro quente, deviam-na trazer na face certas pessoas.

—Deixal-os, pobres chupa-caldos!



—Que diabrura é aquella na ladeira da Solidade?

—E' uma cambada de negras escravas de um *Bernardino* que estão insultando a uma familia honesta com palavras obscenas.

—Guarda marinha!

—Prompto, capitão.

—Pegue essas negras, mande-as para o porão deste navio, e dê o castigo que merecem.



—O defensor do presidente disse que o *Diario* não quiz aceitar sua *defeza*!

E esta?!

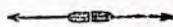
—Petas, homem!

Pois V. não vê no Post-scriptum que elle, ao terminar o artigo, declara que sempre o acharão prompto a defender? Pois elle terminava e já dizia que o artigo fora demorado por não querer publical-o o *Diario*?!.

—E' verdade, homem.

—Salvo si o gaiato lembrou-se da declaração quando viu elle o artigo recambiado.

—Foi isso; depois do escripto, não importa que tempo, toda hora é hora.



—Leu o *Jornal do Commercio* de 19 de setembro?

Vem gaiato e importante.

O correspondente liberal da Bahia, para não offender a gente

do caza, isto é a sua montanha de papel sujo, principia por chamar o *Echo do Norte* imprensa morda e a dar-lhe passaporte de vermelho.

—Pois o *Jornal*, ao dar-lhe a noticia chamou-o liberal.

—E' que o homem leu e não entendeu; *legere et non intelligere est burngere*.

—E tanto não entendeu a besta, que disse que o *Diario* reduziu a pó o *Echo*, atirando-lhe o ridiculo, unica resposta que merecia.

—Que tollo!

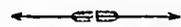
Mas porque?

—Porque o *Echo* disse que talvez no futuro o *el de 7* Sete mbro allumiará o Brazil verdadeiramente livre e independente, quando estivessem delidos os elos da cadeia da centralisação.

—Mas o correspondente falla em cadeia nacional.

—E' que estava bebado quando leu, ou quando escreveu.

—Bebado nao; escreveu depois do jantar, e como tinha jantado bem, teve ameaços de *apoplexia*..;



—Conhece o Dr. *Lambeau*?

—Não.

—Um bobellas que anda de cavallo todos os dias, de charuto no canto da boca...

—Não.

—Um (de chapéu de palha, que é lente da Academia de Latronopolis...

—Não.

—Um que é eleitor pela freguezia dos sanhaços...

—Não.

—Um que entrou na chapa de eleitores do partido progressista e que não deu nem a sua propria chapa....

—Não.

—Um que, liberal, votou nos vermelhos....

- Não.  
 —Um facinho de quati...  
 —Não.  
 —Um physico...  
 —Não.  
 —Um diabo abi, um cousa ruim, um safado, um impostor...  
 —E' gente que eu não confieco.  
 —Um *Cazuza* que veio de *Freitas* e que é devoto de Santo *Antonio*...  
 —Não, homem de Deus!  
 Quem quer que seja recomende-o ao muxingueiro do *Alabama* e está acabada a obra.  
 Que fez elle?  
 —E' um infame, um trahidor, um trocanta politico, um safado emfim.  
 —Va ter com o muxingueiro e deixe-me.

### A' PEDIDO

- Quem é aquelle marca de judas?  
 —Qual?  
 —Aquelle homem miniatura que está naquella venda virando a munheca.  
 —Deitando o oculo, o reconheci agora; é um desvalido que veio de *Dantas* e chupa soffrivelmente á custa dos outros.  
 —Então elle gosta da pinga do rôxo?  
 —Toma-o ás colheres em lugar de sopa.  
 —Em que se occupa essa figura de pre-sepe?  
 —E' caixeiro de uma caza donde se fazem formas para cabeças, e ajudante do *almanack* luneta, e dizem que em pouco tempo, excederá ao mestre e será o primeiro *almanack* desta terra.  
 Basta! estou informado deste miseravel.  
 —Vou pedir ao capitão do *Alabama* que agarce esse biltre e tranque-o no porão.  
 —E' muito pequeno o castigo.  
 Biltres dessa natureza só á cabeça raspada, pão e agoa, e vergalho teso.

Sr. Redactor.—Certo de que V., amante como é da verdade, ha de contribuir para que ella seja restabelecida quando de alguma forma alterada e sendo V. talvez mal informado em uma noticia que deu, peço-lhe que publique o seguinte:

Pede-se ao informante da noticia da divi-

da do Dr. *Freire* para com o *Senhor do Bonfim* que declare de que provém ella, si de algum negocio particular ou si é tendente a *objectos* de quando o mesmo foi thesoureiro.

O amigo do credito.

### Fede se

Ao Sr. subdelegado da Sè, encarecidamente, que faça acabar com um grupo que se senta no adro da igreja de S. Pedro Novo, por não ser alli o lugar mais proprio para ajuntamentos com certos fins, e pratica de actos immoraes.

A moralidade.

Pede-se a certo official de carapina que tem cara de macaco, morador na rua das Laranjas, que por S. *Clemente* se deixe de fallar da vida alheia, e de quem não tem chronica como elle e nem anda de casa em casa a lamber pratos para com este fim tractar de pessoas que estão superiores a elle do contrario verá sua chronica escripta nesta folha

### ANNUNCIO.

Os Srs. que devem na loja de charutos á *Colçida do Bonfim*, tenham á bondade de ir pagar no prazo de 15 dias, si não querem ver seus nomes por extenso.

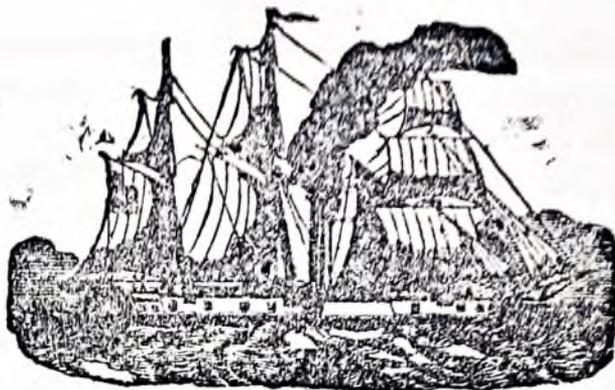
### Patriotica Associação d'Artistas.

A direcção faz constar aos Srs. socios que em sessão de 2 do corrente, nomeou o Sr. *Aurelio Gracindo Damasio* para o lugar de cobrador da referida associação, de cujo cargo se acha de posse.

Bahia 6 de outubro de 1864.

*Emiliano H da Silva.*

2.º Secretario



# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 12.<sup>a</sup>

BAHIA 8 DE OUTUBRO DE 1864.

N.º 119

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Misericordia n. 17  
a 4\$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 7 de outubro de 1864.

Officio ao Illm. Dr. delegado, dizendo-lhe que no hotel à Calçada continúa o jogo escandaloso, pelo que cumpre que S. S. acabe com aquella mina, prevenindo-o que ha informações de que alli até se commette, além das mais, o crime de alterar as faculdades dos incautos que alli vão, com bebidas para isso preparadas, para mais facilmente poderem as harpyas dilacerar as alibeiras dos que tem a infelicidade de alli ir.

- Sabe?...
- Sei.
- Si ainda não lhe disse o que é...
- Aposto que sei.
- Vejamos.
- Quer tractar do *Florida*.
- Apoiado.
- Si apostasse, ganhava; não se falla em outra cousa.
- Foi aprisionado pelo *Wassachussets*.
- Que vergonha!
- Que insolencia! Tracta-se assim uma nação amiga!

—Dizem que fizeram voar a taboleta do consul dos Estados Unidos.

—Ouvi dizer, e que o author foi um maluco que conta correios.

—Logo vi! Um sujeito fugido dos matlos?

—Justamente! De sorte que podem complicar duas nações os desvios de um maluco e de certos animos exaltados!

—Que sujeito è aquelle que vae alli com uma vara e um sacco pendurada?

—E' um moço que anda apanhando borboletas.

—Já temos na Bahia negociante de borboletas? Quem é esse negociante?

—E' um moço que tem loja de chapéu armado!

—Por Santo Antonio me diga o nome d'este moço!

—Nem que me peça por S. Joaquim.

—Peço-lhe por *Santa Anna*.

—Já disse que não lhe digo.

Sei que elle entra pelas roças correndo atraz das borboletas e com esta parte tem adquirido amizade de muitas familias.

—Querera elle por este meio apanhar tambem alguma moça?

—Eu sei, capitão! Elle tem muito geito p'ra mulher.

—Guarda marinha intime ao hão das borboletas, que deixe de se dar a desfructe, quando não, mando-o para a cidade de Mi-

rsuda a fim d'elle pegar melhor suas bichinhas!

—Ora esta camara!

—Que camara? Dos deputados?

—Dos vereadores.

Não se importa com cousa alguma! Está todos os dias a imprensa a clamar e o muro da ladeira da Misericordia ahi continúa a ameaçar o publico!

—Olhe, ha um remedio.

Grite todos os dias, que quem mais grita mais razão tem. O Sr. acabará por ser ouvido.

—Pois sim!

Srs. vereadores, tomem conta do muro! tenham pena do povo!

—Amigos, novidade.

Depois dos raios e coriscos da *Tempestade* que trouxe ultimamente uma *pacuira* de pedradas, appareceu uma *serpente*.

—Oh! vomitou o ceu serpentes!

—Não; é um novo periodico que apparece.

—Ai! si morde o capitão do *Alabama*!

—Pelo contrario; está-o a namorar; já mandou-lhe uma cartinha, uma epistola, em que pede que faça liga com ella!

—Que liga damnada!

—Liga, como diz a *Serpente*, de cobra e corsario, de armador e vigario, de fiscal e vendilhão.

—Morda ella os tratantes!

—Oh! que ventura!

—Ora, viram o *Povo*?

Não è deste mundo.

Diz que os habitantes ligueiros de Santo Antonio tornaram-se peiores do que os africanos insurgidos.

—Que injuria!

—Diz que ninguem podia chegar á janella, porque nem as donzellas estavam livres das pedradas!

—Horror! horror!

—Conhece o Dr. papa jantares?

—Não. Quem é?

—O amigo de todos os presidentes?

—Ainda peor. Adiante mais alguma cousa.

—É um medico que intende menos de medicina do que eu de dizer misso.

—Não adiantou nada.

—Um figurinha de engouco presunçoso, que faz alarde de sabichão, mas que está abaixo de zero; um desfructavel que assenta que os espessos bigodes que tem lhe dão direito a passar por homem de criterio quando elle não é mais que uma azemola.

—Cada vez estou mais em jejum.

—Um cujo que foi reprovado no 1. anno de direito pela faculdade do Recife, tida geralmente pela mais complacente das faculdades e que voltando a Latronopolis a conseguiu encaixar-se em medicina, onde, empenhos do avô, o *barão Una*, obteve uma carta de curandeiro.

—Inda assim, não sei quem è.

—O sujeito é um que, dizem, escreveu a correspondencias d'aqui de Latronopolis para o corte do imperio do Brazil, e cujo nome se parece com *gosto de sal*.

Bem desenchabido que è elle!

—Mais alguma luz, meu charo, estou nadando em trevas.

—O lorpa affecta grande privança com todos os presidentes que vem a esta terra, porque alguns conhecendo-lhe as tendencias servis, fazem d'elle um desprezivel capacho; e elle vende esta pomada bem vendida que muita gente acredita que elle tem grande valimento e influencia, quando não passa de um vil rabo-leva.

—Mas a que vem tudo isto? Tem Vm, fallado tanto e não disse nada que adiantasse.

Em que se emprega esse moço?

—Guarda meninos.

—Pois um medico servindo de ama secca de crianças!

—Não; elle vigia a moralidade e procedimento dos meninos n'um estabelecimento publico.

—Mas, si como diz Vm. elle não tem moralidade para si, como pode ser censor da dos outros?

—Isto lá não sei.

—Mas porque não exerce elle a sua profissão?

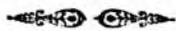
—Porque ninguem nunca teve fé nelle, e desacreditou-se por uma vez depois que

ia matando um doente com uma receita monstruosa.

—Ora! Pois está Vm. ha duas horas com uma massada tão comprida, quando em duas palavras, podia dizer quem era o sobrinho de *Bebé*?

—A qui-qui, capitão.

(*Continua*)



O correspondente do *Jornal do Commercio* disse que o *Echo do Norte* acreditou seus chefes e suas chapas.

—E' que o homem não leu o *Echo*, ou si leu atrapalhado, deslustrado com a grandeza de escrever para o *Jornal do Commercio*, não reparou que o *Echo* sabiu a 7 de setembro, e que ainda até hoje não fallou em chapas.

—E' o que disse hontem o *Alabama*, o homem escreveu depois da janta.



—O que fazem tantos soldados de cavallaria a galope pelos ruas?

—Providencias.

—Para que?

—Por causa da afronta que sofremos dos americanos.

—Bello! então a cavallaria é que vae nos desafrontar do que fizeram elles no mar! Inda si ella fosse de *marinha* podia ir á galope pegar o *Wassachussets*.

—Porem para isso la foi o *Paraense*.

—A boas horas! Depois que se foram embora!

—A's horas que o presidente chegou e ordenou

—A que horas chegou o presidente?

—As' seis e meia.

—Está boim:

Si não podia vir mais cedo, veio a boas horas.

—E que fizeram as nossas aulh oridades maritimas?

—Disseram-me que por si só não podiam obrar.

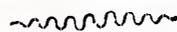
—Não creio; pois então o presidente não havia de ter dado as ne-

cessarias providencias para qualquer eventualidade?

—Dizem que não,

Outros dizem que os officiaes não dormiram a bordo.

—Talvez fosse isso.



—O Malaquias n' o é mais procurador do *M ríz Pinto*?

—Não; porque?

—Vejo-o sempre no escriptorio do *Interesse Publico* e tenho-o encontrado com o *Moraes Passos* na rua.

—Ora esta! Pois o Sr. não conhece o Malaquias?

—Conheço-o como homem serio.

—Sim! sim!

—E honesto.

—Justo! justo!

—E honrado.

—Pois não! pois não!

—E capaz.

—De que?

—E homem de bem.

—Tanto é, que elle mesmo o disse um dia destes no *Jornal da Bahia*.

---

## PARTE COMMERCIAL.

---

PRAÇA DE LATRONOPOLIS, 7 DE OUTUBRO  
A'S 5 HORAS DA TARDE.

### REVISTA DO MERCADO.

Nosso commercio está mais desassombrado, e vai proseguindo em sua marcha ordinaria.

A gente do olho aberto que visava tirar partido das circumstancias actuaes viram frustrados desta vez seus planos e pouco puderam fazer.

Os mais espartos com tudo aproveitaram as aguas tuvas para embarcar suas biscas.

No periodo da sen ana que passamos em revista entrou um carregamento de *furtos* vindo da *Saude* no patacho da *Gloria*, o qual está em ser.

Entrou mais o brigue *Chico Carteira*, da companhia do olhosvivo que tinha ido ao Rio refrescar.

Vieram ao mercado duas partidas de *infanticidio*, uma chegada u'uma das semanas

passadas na escuna *Carlota*, procedente da península da *Penha* e que estava depositada no trapiche *Madragoa*, donde veio pela *Via d'Arcia* para ser vendida em leilão.

E uma outra que esteve depositada no trapiche *Agua de Meninos* cuja procedencia ignoramos, bem como as transações.

Foi hoje comprada sobre agoa por conta do governo uma partida de *desacato*, *menos-preço*, e *humilhação*, vindas n'um vaso americano que se achava em nosso porto.

Nosso commercio tem estado animado em *cazamentos*.

### REVISTA DO MERCADO.

*Algazarras*.— Abundancia. O carregamento da falúa *Jouana* vindo de *Acrimane* foi vendido para a villa de *Larangeiras*.

*Charidade*.— Nem sombra.

*Discordia*.— Ha alguma.

Falla-se na compra de uma partida pelo empresario do theatro e o bolequineiro do mesmo.

*Deleixo*.— Abundancia. Os depositos mais suppridos são por conta do governo.

*Humilhação*.— O governo arrecadou para si toda que havia no mercado.

*Segurança*.— Graças ás medidas policiaes este genero anda à granel.

*Trevas*.— A Companhia do Gaz obteve do governo beneplacito para abastecer a cidade deste genero.

*Violencias*.— Depois das eleições o mercado tem estado supprido.

A *lga* tem sido sollicita para que o mercado seja abastecido.

### IMPORTAÇÃO.

#### MANIEESTO.

Barca *Justiniano* vindo de *Santo Antonio*; commandante *Araujo* em de setembro:

1 livro contendo as deliberações do conselho de qualificação illegalmente constituido, 2 caixas nullidades, 25 cestas irregularidades, 50 balaios infracções, 20 casos vinganças (pequenas) 20 canastras protecção escandalosa.

### EXPORTAÇÃO.

#### GENEROS DESPACHADOS.

Cidade da *Calçada* *Trigue hotel*; *Barreto e C.* 50 duzias baralhos de cartas, 10 vasos jogos prohibidos, 5 pacotes lardoeiras, 5 cestas cerveja e vinhos prepa-

rados para exaltar as faculdades de quem os bebe, com certo fim, 1 maço *dados*, 1 bilhar *preparado*.

### MOVIMENTO DO PORTO.

#### ENTRADA DO DIA

*Boipeba*, em 5 dias lanchão *Prazeres* *Barbino Xico* dos Brittos, carga *pancadas* à *Manuel Alvo* das *Pereiras*, passageiros — um vigario, um subdelegado, um thesouriro, *perpetuo*, e o faquista *Marcolino* protegidos mesmos.

#### SADIDA DO DIA.

*Pedras da Fonte* sumaca *Santa Lucia*, capitão *Perciliano*, carga *gallinhas* e *patos* furtados, uma *carteira* surripiada n'um *balcão* de venda, um par de *argellas* emprestadas, algumas *jacas* roubadas ao *Xico* das *iguicas*.

### A PEDIDO

Pede se ao *Illm. Sr. Dr. juiz municipal* e *residuos* que mande vir a sua presença o livro de *registros* de *testamentos* n.º 192, afim de ver si nelle, a f. 190 até 93. c. se acha *registrado* o *testamento* do *major Firmiano Joaquim de Souza Velho*, e uma *carta* mencionada em uma *carta* mencionada em uma das *verbas*, a qual *consta-nos*, que apesar de ser parte integrante do dito *testamento*, foi *subtrahido*, sem *dúvida*, por alguma *pessoa* que se *oppunha* á *ultima vontade* do *testador*.

*O interessado.*

### Dizem, valha a verdade!

Que o *Sr. A. A. Guimarães* dissera que seria *breve subdelegado* da *Penha*, para *esfregar* os *ligneiros*.

*Sr. Guimarães*, não se deixará de contar com as *cebollas* do *Egypto*?

Ainda quer ser *subdelegado*?

Quer que de novo *gemam* os *prelos*?

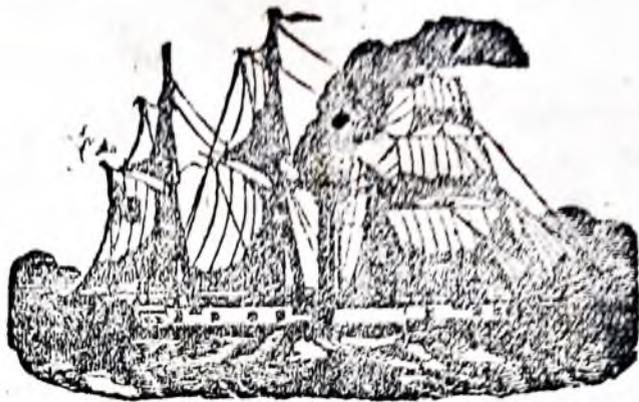
Tem *saudades* daquelles *tempos*?

Gosta de ver seu *nome* em *letras* *redondas* ...

*Mania!*

*Deus* o *favoreça* e *ajude*.

*O lusitano.*



# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 12.<sup>a</sup>

BAHIA 11 DE OUTUBRO DE 1864.

N.º 120

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Misericordia n. 17  
4 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 10 de outubro de 1864.

Officio ao Exm. Sr. presidente da provincia, ponderando-lhe a necessidade, que ha de que os commandantes das fortalezas sejam obrigados a nellas pernhoitar, para que não se reproduza o facto de estarem fora de seus postos em qualquer acontecimento que se dê, como succeden na noite do conflicto dos vapores americanos, em que asservera-se que não só estes, como muitos e GRADUADOS officiaes da armada andavam passeando, sendo até visto um de alta cathegoria no theatro à uma hora e meia.

—Ao administrador do correio, perguntando-lhe si é verdade que o consul dos Estados Unidos está em grande debito para com essa repartição, proveniente de porte de cartas e correspondencias que não tem pago, e qual a razão porque se não tem empregado os meios para que a fazenda seja embolsada dessa divida, n'um tempo em que precisa tanto de dinheiro, e em que tem de fazer enormes despezas com o casamento das princezas.

—Passei na quinta feira por Agua de Meninos, e vi na praia se esfolando tres bois que tinham morrido, e um carro para receber as carnes.

—Sem duvida para ir interrar.

—Nos buxos humanos.

E o caso è que poucos minutos antes tinha passado por alli o Sr. Freire, medico do corral.

—Então que diz o Sr.?

—Que sem duvida nenhama aquella carne veio para o consumo.

—Não creio.

—Ora!

Tem visto a *boa qualidade* della estes dias? No domingo havia na baixa dos Sapateiros um açougue, cuja carne parecia-se com bofe, e que pendurada estava se decompondo em agua.

—E os fiscoes?

—E as meias multas?

—>>> <<<<

—Conhece o capitão Sobino de Mello?

—De que batalhão?

—Do 10.º

—Não.

—Pois no dia do embarque do arcebispo, quando marchava no batalhão, metteu a espada n'um musico de nome Abreu e o deixou em estado de ir para o hospital.

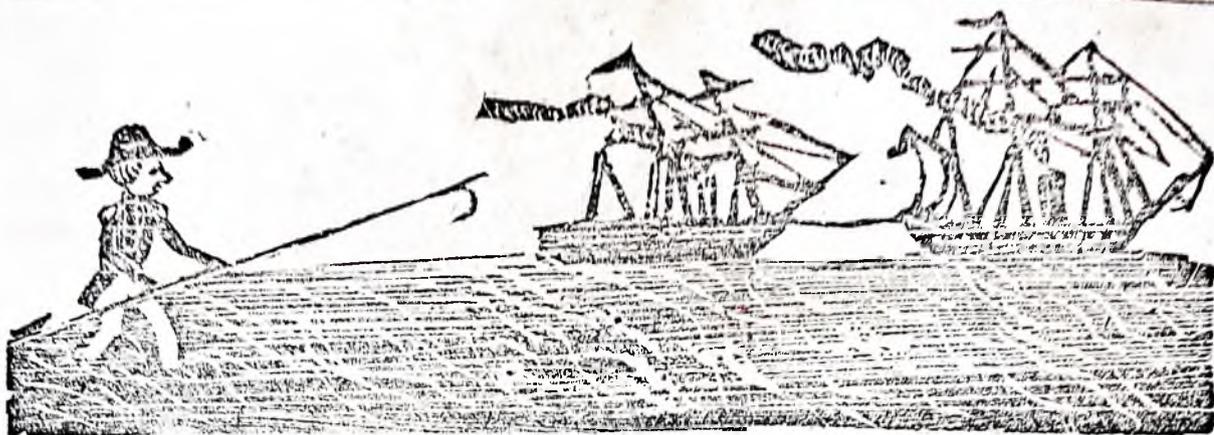
—Mas porque?

—Deu como razão que o musico o ridicularisara.

Mis acho que alli não era o logar proprio nem aquella maneira de punir.

—Impru lencias!

—>>> <<<<



Um mancebo hespanhol vingando a honra nacional.

—Capitão, ouça este caso, que contou-me o Sr. Antonio José Marques, alfaiate estabelecido á cidade baixa, o qual corre por conta delle:

Disse-me que passando na occasião do embarque do Exm. arcebispo pelas Portas da Ribeira a gente da companhia olho-vivo, Belmiro lhe saccara da algibeira a carteira com dinheiro; o que foi presenciado por um portuguez que tem venda e mais outras pessoas que o avisaram.

Sendo Belmiro seguro, e encontrada a carteira no seu bolso, foi preso á ordem do Dr. chefe de policia.

No caminho porém prostrou-se Belmiro pedindo que não o levassem ao chefe de policia e sim ao subdelegado.

Conduzido á presença do subdelegado Jurema, este perguntou-lhe quem era.

Responden que foi cria da casa do Sr. Pereira de Albuquerque e que era do partido ligueiro.

—Não creia nisso, homem.

—Estou referindo o que me contou o Sr. Antonio José Marques, sem comtudo garantir o facto porque não vi.

Então disse o Sr. Jurema: si for da casa do Sr. Pereira, está solto, mas si está mentindo vae para a Correcção.

—E' impossivel! Não creio, o Sr. Jurema é incapaz de tal.

—Ouça, capitão.

O Sr. Jurema escreveu ao Sr. Pereira, o qual respondeu que Belmiro não era de sua casa, mas que o julgava incapaz de tal.

—Lá isso não, o Belmiro é capaz de fazer isso.

—Voltando a resposta do Sr. Pereira, foi Belmiro solto contra a expectativa de todos que o conhecem.

—Mas Vm. não disse que a prisão foi á ordem do chefe de policia?

Isto está parecendo uma historia da ca-rochinha.

—Não sei, contou-me elle prejudicado.

E disse-me que hoje iria ao chefe, e publicar o facto no *Jornal da Bahia*.

Parece incrível. Cada um conta sempre as cousas, á sua vontade

—Mas o homem disse que era ligueiro.

—Qual ligueiro! Pois haverá ligueiro que queira se hrombrear com um rapina?

—Si o chefe de policia soubesse!

—Que foi?

—O largo do Curral do Conselho está reduzido a um arena politica?

B igam allí ambos os partidos; tem havido suas prisões, seus disturbios; prendem e soltam, fazem e desfazem.

Houve um moço que vestiu a farda de official da guarda nacional e prendeu, ou quiz prender um inspector.

—Isto não val nada.

—Nada?!

E' bom prevenir, para não punir: aquellas escaramuças podem ter funesto resultado.

Eu acho...

—Que lhe faça muito bom proveito.

Onde estava o Carvalho quando deu-se o caso do *Florida*?

—Homem, correm diversas versões; uns

dizem que em casa da família, outros que no forte do Mar; que é o que eu creio.

— É o Mancebo?

— Dizem que no theatro levou a noite, donde sabio para o hotel; mas quer me parecer que um valente official como elle, a ponto de, intrepido, deixar ganhar distancia, e jurar morrer pela patria em que não nasceu, não desamparava o seu posto. Eu o que acho é que o Sr. Mancebo é surdo.

— É o brigadeiro Alcantara?

— Ora um homem velho!

— Mas não podia dar ordens?

— Ca, ca, ca!

A quem, Sr., a carangueijos?

— Então a fortaleza não estava guarnecida?

— Quatro invalidos, meu rico senhor!

— Está direito; o commandante do tal *Wassuchet* teve rasão e muita.



— O que tem D. Bahia que está tão afflicta e desconsolado?

— Chora o abandono e desprezo em que a deixa seu esposo, o Dr. Governo.

— Eu si pudesse fallar com o chefe de policia contava-lhe um caso, e elle, magistrado integro, character intelligente e moralizado como è, havia dar providencias.

— Qual é o caso?

— Dous portuguezes taverneiros, moradores à Calçada, compraram diversas joias entre as quaes um par de argollas co-

brilhantes avaliado em cento e vinte mil-reis, ou mais a um moleque que as roubou á sua senhora.

— Talvez o moleque fosse ourives.

— E tanto os portuguezes assim o julgaram, que o par d'argollas custou a um d'elles quatro mil reis!

— O nome d'elles?

— Ignoro; mas o dono das joias, o Sr. Faria, sabe quem são e o subdelegado tambem, si me vão enganar.

— Como enriquecem esses maganos!

— Tem visto as providencias *energicas* que o governo tem dado?

Prohibiu a entrada do *Wassuchet* em todos os portos do littoral da provincia, e para isso ordenou ás authoridades que empregassem até a força.

— Muita força devem ter cada uma dessas authoridades, para repellir um vapor de guerra.

— E' da força publica, que falla, homem, e não da physica de cada um.

— Mas onde as authoridades vão achal-a si os destacamentos de fóra são compostos de 4 e 6 homens?!

— Ora vão me aborrecer!



— Ora vejam que diabrura!

— Que boave?

— Um artigo que tem um L, uma cousa assim... uma diabrura em fim.

— Ora intenda-o lá!

— Porque letra principia a palavra—ladrão?

— Que...! não qualifico.

Entretanto o author do artigo é um homem honesto á toda prova, honesto como bem poucos se hão de presentemente encontrar.

— Eu o sei e por isso reclamo.

— Neste caso reclamemos.

— E protestemos.

— Frei cavallinho de frecha!

— Para que me quer, Sr. capitão?

— Então ainda é o typo da concupiscencia, da ambição, da maledicencia, e da intriga lá na cidade heroica?

—Sou sempre o mesmo, Sr. capitão.

—Apesar do titulo de palrador imperial?

—Não mudei, nem mudo, porque o cynismo é a minha natureza.

—Benza-te Deus, fei passariubo!

—E como, conseguiu V. o titulo de palrador imperial?

—Muito facilmente: lancei-me aos pés da mulher de um barão, a quem chamo tolo e fôfo; e eis como me a graca veio.

—Creio: porque o sermão, segundo dizem todos que o ouviram, foi uma dessas gloriosas bernardices que denotam estupidez e descaro.

—O certo è que passo por optimo orador.

—Não duvido, là na sua heroica.

Diga-me mais, frei Linguica, ainda se empenha baixa e vergonhosamente para lhe darem sermões?

—Si eu preciso, e tenho mulheres!

—Porém, o bom pregador não emprega estes meios vis e infames; espera que o chamem; não anda commettendo indignidades, fazendo enredos com seus collegas, para sô pregar, como um ambicioso insaciavel de dinheiro.

—Eu faço o que posso; e por tanto já tenho uns continhos de reis.

—Mas frade professa pobresa.

—Isto ja cahiu em desuso; assim como a castidade perpetua.

—Que frade do diabo!

—Ainda está tambem mentiroso, calumniador e maldizente? Ainda surripia os direitos de estola do pobre vigario da Saubara?

—Ora, esta é uma qualidade de todo frade,

—Quantas amasias tem hoje, depois que lhe falleceu a dleinea da Saubara?

—Duas de desoito annos.

—Haverá frade mais immoral, safado e estúpido?

Muxingueiro!

—Sr. Capitão, por quem é!....

—Ponha-se no recto, Sr. frei cavallo, e metta-se em breado.

—Eu sou moço e tenho raiva quando me chamam maneebo.

—Porque?

—Porque a palavra principia por *man* que significa homem em inglez e acaba por *eebo*.

—Então quer V. dizer que o homem è de eebo.

Está bem boa esta!

### A PREGUIÇA

Sr. inspector, não se importe com a vida privada das pessoas de sua vizinhança, cuide antes em evitar tantos casos tristes quotidianamente se dão no seu quartelão, prohiba que se profiram em alta voz tantas palavras offensivas à moral publica, ponha termo aos gritos d'aquí d'elrei, às pancadas, às voserias e a todas essas scenas repugnantes de que tem sido theatro o seu quartelão; deixe-se de intrigar a vizinhança; não queira com o descredito alheio arranjar suas pipinciras; tenha vergonha, e accete o conselho que lhe dá,

*A ladeira da Preguiça.*

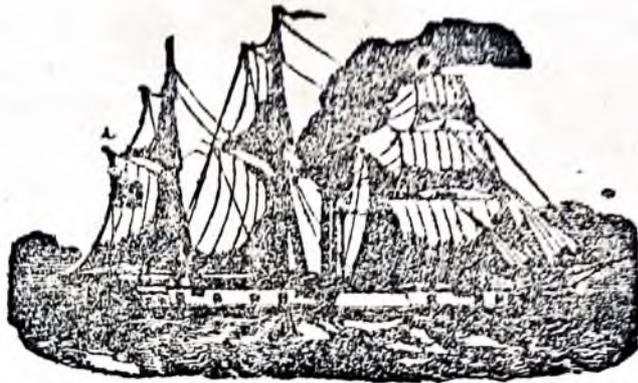
Chama-se a attenção do Sr. subdelegado da Sé para uma *biboca* que ha á rua Direita do Collegio n° 15, pertencente a um Sr Julio conhecido por feijoadá onde ajuntam-se diversos capadocios para o jogo do dominó, do que result m sempre desordens e palavrarias, como no sabbado em que houve uu alma que incommodou toda vizinhança.

*Um visinho.*

### ANNUNCIO.

Pede se e gratific se no ca o que oxijam a quem tiver achado uma pequena peça de ouro pertencente a' cadeia, que foi nr ebentada na rua Direita da Misericordia, o especial favor de entregar n'esta typographia. O annunciante espera generosidade de quem o achou pois é de um objecto de estimação.

TYP. D. EMARQUES, ARISTIDES E C.



# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 12.<sup>a</sup>

BAHIA 14 DE OUTUBRO DE 1864.

N.º 121

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Misericordia n. 17  
a 1<sup>o</sup> rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 13 de outubro de 1864.

Officio ao Sr. inspector da saúde publica, dizendo-lhe que havendo suspeitas de que na casa n. 109 á rua direita do Pilar existe um individuo atacado de elephanti-sis, cumpre que S. S. passe a examinar si é exacto, e no caso de ser faça remover tal individuo para o hospital dos Lazaros.

Portaria ao guarda-marinha pedestre Guilherme, ordenando-lhe que se dirija á camara municipal e tome os africanos *livres-escravos* da nação para mandal-os remover o monturo que existe em toda a rua da Larangeira e no becco que dá comunicação com a ladeira do Desterro, os quaes acham se em deploravel estado, denotando deleixo, incuria e relaxação de quem sem duvida não é o capitão do *Alabama*. Cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá á rua do Bangala e intime a certa Sra. que por alli mora que

é preciso não continuar a insultar a vizinhança, sob pena de publicar-se-lhe o nome e o numero da casa, além das mais em que incorrer. Cumpra.

Aviso ás pessoas que passam pela ladeira da Misericordia. Tendo debalde nos esforçado para que a camara mande demolir o muro que fica em frente aos ferreiros na ladeira da Misericordia, e não o tendo ella até hoje feito, e continuando aquella ruina a ameaçar o publico, faz-se-lhes pelo presente avisar que deixem de passar por junto ao referido muro, do qual um alto e rigoroso pilar, inteiramente rachado e desaprumado se acha em vespas de cair.

—Um conselho aos teimosos, um aviso aos que ignoram.

—Que ha?

—Quem for ligueiro não vá a S. Joaquim tirar meninos orphãos.

—Porque?

—Porque não dão!

—Ainda sendo pessoas conhecidas, artistas estabelecidos, moralizados e honestos?

—Ainda.

—A razão?

—Porque a Meza é vermelha.

—Ah!...

—Estão no seu direito, fazem bem.



Conselho em palacio para salvar a dignidade do paiz, já perdida.

Os Braz Mimosos disentem.

—Morrerei por ti, meu idolatrado Brazil!

Para salvar tua honra, tua dignidade ultrajada, sacrificarei minha vida, darei meu sangue!

Eia, companheiros, vamos, coragem!

Exaltemos-nos! avancemos, corramos, vinguemos nossos brios!

—Olé como está este *mançebo* exaltado!

—Tollices de criança, *hespanholadas* de menino.

—Amigo, elles deram *ups e hurras*; demos vivas e bravos e onde pegarmos o patife ai delle! assim como aos outros maltarão elles, matal-os-hemos tambem! Antes que metta a pique o *Florida*, mett-l-o-hemos nós a pique!

Avança, rapazeada, avança que vae tudo ao fundo!

—Ca, ca, ca!

—Estaes com medo?

—Oh Christo!

Não avanças?!

—Avançamos, Sr.!

—Que linda rapazeada! que gente brioza e altiva! Quanto é bello governar-se uma gente assim!

Avançemos, avancemos, rapazes!

Que gloria, caraco!

—Ah! E este menino é do paiz de D. Quichote! O *mançebo* é *hespanhol*!

Cà ca ca!

—Curo pinto.

—Cura ca.

—Um subdelegado de *Luzro*, não feito nas olarias de *Jaguaripe*, mas accustomedo a uma cosinha de *Valença*, reuniu sua gente, por occasião de ser nomeado subdelegado effectivo um excellente caracter, decidu-se, depois de orar o meirinho *Cobrinha-Verde*, (não o defunto) que todos os inspectores pedissem demissão em desfeita ao novo nomeado e por acinte ao governo que não reintegrou o dono da freguesia.

—Isto onde?

—Na freguesia dos cotovelos do Paço.

—Aqui?

—Sim, em *Latronopolis*.

—Fortes t'ellos!

—A pessoa nomeada porem, está muito alta.

—Olhe, capitão, aqui em *Latronopolis*, quanto mais se vive, tanto mais se vê.

—Em toda parte succede isso.

—Ouça por favor, capitão; eu sou orador que não admitto apartes, porque confundem-me.

—Um dia, morreu um brigadeiro; alma candida, coração generoso, às vezes embreecido e cruel pelos conselhos perfidos e indignos dos que se diziam seus amigos.

Seu nome semelhava-se ao de *pacca*, mas não era *pacca*. Mas sim; morren este homem a quem muitos chamaram *pinto*, quando o que podia elle ser era um velho gallo da *Conchinchina*.

O governo teve de dar dinheiro para o enterramento.

Supponham que um conto de reis.

O encarregado quando apresentou a conta incluiu missa do 7.º dia, com o que não concordou o governo.

Sabem quem veio a soffrer?

Um homem que *cura* a gente da *Sé*, sem ser medico, ou curandiro.

Não pagaram os cobres ao pobre do homem que tanto precisa, ainda faltando cem mil rs., si me não engano, para completar o tal conto da despeza.

—E quem foi encarregado?

—Do brigadeiro *Pacca* foi o *José Carlos*

homem necessario para tudo na Bahia.

Mas o desse brigadeiro que parecia-se com pinto, sendo filho de paca; o desse pobre homem, que se não soube aproveitar do mundo e das cousas; e que morreu aqui em Latronopolis, estimado, porém esquecido;— o desse foi o Zé Coco Ferreiro.

—Que homens!

Que Latronopolis!

—Homem, em todo caso viva sempre a Bahia!

—Está porque de vez em quando dão-se casos fataes! Provém deste e outros descuidos.

—Então que foi?

—Mando a botica do Barata buscar charope de ipecacuanha, e mandam-me oleo de ricino.

—E o que tem isto?

—Assim como foi oleo de ricino, podia ser alguma substancia perigosa.

E depois a surpresa que passei, quando descuidado levo o copo a boca, e em vez de xarope adocica lo sinto nos beiços uma bebida gordurenta.

—E Vm. que fez?

—Mandei levar e trocaram.

—Então está tudo acabado.

—Estas facilidades è que dão occasião a muita cousa.

—Um *amigo de credito* pede que se declare si a divida do Dr. Freire ao Senhor do Bomfim provém da thesouraria.

—Não; quem disse isto?

A divida de que se fallou no n. 116 do *Alabama* provém de foros das terras em que está edificada uma caza que ao Dr. ou a seus parentes pertence. E' uma divida de casal, desde o tempo de seu finado avô, ha 60 annos talvez; a representante do casal está prompta a pagal-a.

—Pois sim, salvemos o credito do Dr. para mostrarmos ao tal seu amigo que tam bem somos amigos do credito.

O Dr. Freire, segundo nos affiança, nada deve ao Sr. do Bomfim.

—Yya V. Ex. onde mora? Desejo ter a honra de visital-a.

—Aqui, Sr. minha clara amiga; soba por quem è; aprecie da janella que bella vista tem a rua Direita de Palacio.

—Pelo contrario, yaya, só se vé doqui a thesouraria e seus empregados.

Toca piano!

Queira fazer o favor...

—Eu só toco a noite, mas como V. Ex. pede ...

—Toca a noite?

—De oito horas atè doze.

—Toca bem, yaya; ha de vir a tocar excellentemente.

Que tempo tem de aprendizagem?

—Dous annos, yaya.

—Ah!...

—Que admiracão è esta?

—E' de yaya que todos fallam.

—Fallam de que?

—Perque yaya em vez de se lavar na tina do *tanoeiro* interta-se n'uma *cova*, e ahi se deixa internec-r como si estivesse n'um rico e macio leito de velludo e nos braços do amor!

—Ah?

—Não devia estranhar que soubessem, por que quem passa na rua vé, quem está na thesouraria não è cego.

Que doces prazeres gosa a minha yaya nos braços do seu querido mestre!

—Ora, que hei de fazer? E' mundo, devemos viver, aproveitar dous curtos dias de existencia....

—Assim, minha yaya assim....

Ah! si eu fosse *tanoeiro*!

—Mandava-me para a *cova*! E' justamente o que eu queria.

—Sabe a razão porque o forte do mar não atirou no *Wassuchet*?

—Nao, qual foi?

—Perque as balas que havia eram maiores do que a boeca das peças.

—Não cassúe.

—E' verdade.

—E a *Gambou*?

—Disse o commandante que com receio de que as ballas offendessem o forte do mar.

—I-to è pilheria.

Pois um artilheiro ia la dizer isto!

—Aposto que não sabe de uma coincidencia, que vem a proposito?

—Qual?

—No beneficio da *Leolinda*, quando o Moniz recitava dizia—és bella *Leolinda*! E o tcho repetia *linda*.

No dia do conflicto quando o chefe da

estação reuniu em conselho no mar os officiaes estes bradaram viva o mancebo e os echos repetiram — *cebo*.

—E o que quer dizer com isto?

—Nada.

Ouviu fallar nas onças?

—Que onças?

—Onças *domesticas* que estavam a bordo do vapor americano.

—Para que hade estar a inventar cousas?

—E' o que diz a voz publica.

—Ora empine-se.

### A PEDIDO.

—A Bahia está perdida de *de sectores*.

—Como?

—Pois o *casquilho* não disse em diversas partes que n' o convidava a um moço muzico para tocar n'um baile em sua casa, por que sendo o moço pardo disfarçado se casou com uma mulata escura!..

—O que está dizendo?

—E' verdade; elle já esqueceu-se da avó!...

—Ah! tem razão.

E depois si o moço casou-se com uma mulata escura foi de seu gosto, e entre gosto não ha disputa.

—O melhor é que elle deixe-se de estulticia e vá aconselhar ao irmão que não ande praticando indignidades, pois esta é que é a verdadeira branquidade!

—Acho bom!

Pedimos ao Illm. Sr. Dr. juiz de orfãos providencias a respeito do modo porque está procedendo o distribuidor Diniz com a partilha do casal do coronel Francisco de Paula Miranda Chaves, pois estando ella em seu poder a mais de quinze dias não foi ajuda apresentada ao respecti-

vo cartorio, apesar de ja ter recebido do inventariante 30,000 que diz elle lhe pertencer.

Do zello do Sr. Dr. Tosta esperamos providencias.

*Um prejudicado.*

### ANNUNCIOS.

O abaixo assignado pergunta a imperial sociedade Monte-Pio dos Artistas e dos Artifices a causa porque o socio F. J. C. Bostos estando soccorrido pelas mesmas sociedades se acha recolhido na Santa Casa da Misericordia.

*Victorino dos Santos Ferreira d'Almeida.*

### COSINHEIRO

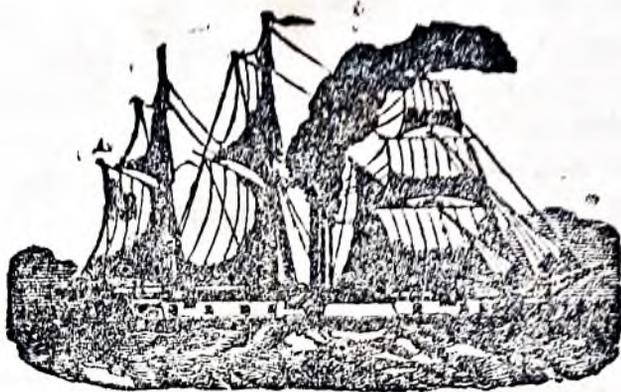
No botequim em Santa Bahia admite-se um, escravo ou livre,

### ATENÇÃO.

O abaixo assignado com loja de charutos a rua detraz da Sé, pede as pessoas que tem conta na referida casa o obsequio de virem s lida-las no praso de 15 dias, do contrario passarão pelo dissabor de verem seus nomes publicad s n'este jornal. Bahia 12 de outubro de 1864.—*Ludovico José da Silva*.

### ATENÇÃO.

Roga-se ao Sr. M. J. A. memorador a Calçada o favor de vir pagar á rua do Caes Dourado, loja de charutos n. 68 a importancia de uma lettra que passou pelo importe de fogos para o S. João, e si o não fizer até sabbado 22 do corrente verá seu nome n'esta folha. Bahia 13 de outubro de 1864.—*Domingos Francisco da Silva Bezerra.*



# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 12.<sup>a</sup>

BAHIA 15 DE OUTUBRO DE 1864.

N.º 122

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Misericordia n. 17 a 40 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 14 de outubro de 1864.

Officio ao Sr. Dr. juiz da Provedoria, pedindo providencias para que seja removido o illegal inventariante do padre Alexandre da Silva Menezes, segundo determina o provimento ultimamente dado em correição e por V. S. rubricado, assim de que a lei e os juizes não continuem a ser menoscabados.

—Ao mesmo, chamando sua attenção para o interesse que toma o escr.vão da Provedoria pelo inventariante do casal acima.

—Havia em Latronopolis, antes do eclipse de 30 de outubro de 1864, um frade devasso ao ultimo ponto.

—Glél frade devasso é pleonasmio; mas, enfim, continue.

—Largou o patife o habito e convergou a loba.

—Jesus! devorou tudo!

—Metteram-no n'um seminario e feço ideia que devastação atrozi!

—Compadeça-se S. Joaquim das innocentes criangas a quem tanto amou Jesu!

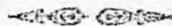
—Mas o magano que tinha *bom gosto* não ficou ali; metteu-se de gorra com uma mulatiuba, com Sinhã pequena, e horror! escandalo! devassidão! infamia!

O padre vivia na janella abraçado com a moça, a dar-lhe beijos e beliscões, a fazer-lhe cocegas e dar-lhe dentadas!

—Ainda é vivo?

—Não; anda pelo outro mundo, a cavallo, como S. Jorge.

—Ah! si o pégo muito tinha que trabalhar o muxingueiro! ..



—Porque não toma a policia conhecimento d'um portuguez que anda pela cidade baixa a conduzir um carro?

—E é prohibido?

—Não; mas o homem mette no carro grandes vigas que nas voltas que dão atrapalham os viandantes.

—Oh! as vigas movem-se?

—Não; move-se o carro e as vigas incommodam.

Um destes dias no caes de S. João, cahiu ao chão um sujeito que vinha descuidado e que tomou um *ramparad* dos diabes.

—E' que a policia não vê, nem sabe, não pode providenciar por tanto.



— Olhe, ha um mocinho ali chamado *Chiquinho* que fez o diabo.

— Ora vamos a ouvir o caso.

— O sujeito veio, ha pouco, da *Costa* e mettu-se em casa do *Soares*.

— Do fizado majoi?

— V. bem me comprehende.

Tractou o pelintra de namorar uma moça no que sahiu-se bem. Escreveu por vezes e mandou-lhe seu primoroso retratinho. O negocio foi correndo bem, tanto que elle pediu a moça em casamento, lembrando-lhe que remetesse o retrato ao irmão della para que o visse.

O diabo, porém, muito contente com a graça, andou a espejar-se de jubilo e descobriu nua cousinha bem boa.

— Qual ella?

— O gaiato, o tratante, o bolas era um patife, um tratante, um bolas!

— Ora viva, que houve?

— Era casado,...

— Que desfôro!

— Mas intendeu que por não estar com a mulher, a quem muito maltractava, podia de novo casar-se.

— Guarda mariuba, mande agarrar este tratante para mandar mostrar-lhe pelo muxingueiro o código que prohibe a polygamia.

— Pois não, capitão! (Continua).

— Ora vejam que noticia da o *Jornal da Bahia!*

— Qual?

— Que imprudencia!

— Que foi, homem?

— Dizer que pintaram a cara do *Wilson*, ex-consul dos Estados Unidos unida ao corpo de um cachorro!

— Si foi verdade!

— Não, não é bom.

— Ora não me aborreça!

Havia ser galante!

Queriu eu vel-o!

Quem commette uma infamia...

— Páio! cale-se já! Não quero complicações internacionaes.

— Viram o cornção boudoso do brigadeiro *Alcantara*?

— Não.

— Pois não diz que deixou de atirar no *Wassuchet* para não offender o forte do mar!

— Ca, ca, ca!

— Sabe si a policia ja mandou prender os tres taverneiros que compraram as joias da Sra. do Sr. *Faria*?

— Não.

— E que julga?

— Que devem ser presos; tão bom é o ladrão como o consentidor; tão ladrão é quem furta, como quem compra o furto.

— E vão ver que querem passar por homens honrados!

— Quem são?

— O primeiro é *Sebastião José Rodrigues*, à *Calçada*, que comprou um par d'argollas de brilhantes por 200\$; o segundo é *Mannel José da Costa*, à *Roda da Fortuna*, que comprou um anel de esmeraldas com brilhantes no valor de 200\$ e dous pares de argollas, tudo de ouro por 200\$; o terceiro é *Leonardo José da Cunha*, em *S. Francisco de Paula*, que comprou um alfinete de ouro com coraes por 900 rs.

— Quem lhe disse isto?

— Ja tinha ouvido dizer, mas disse-o depois o *Diario da Bahia* de 11 do corrente.

— Deve dar-se as providencias.

— Sim, deve, deve. Esperemos.

— Ora está! Pois esses negociantes são responsaveis pelo furto que commetteu um escravo!

— Si eu não conhecesse muito de perto ao *padre Amaro*, diria que elle não tem bríos, nem dignidade, nem honra, nem patria!

— Porque?

— Porque nega que é a maior affeenta que tem havido para povos civilizados a tomada do *Florida*.

— E por dizer o *Echo* que é desgraça sem igual, chama a isso dito de seis arrobas.

—E' para ver si com o peso faz abaixar a cara aos que não tem vergonha.

—Falla em loucura, stulticie etc.

—Ora!

—Diz que è gosto do *Echo* accusar o presidente.

—Eu só admiro è como elle, sendo *padre*, defende ao presidente que mandou amarrar um frade.

—Não di seram que o frade era excommungado?! Elle que talvez foi quem disse e que está no mesmo caso, tracta de por-se bem com o homem....

—Ah! o *padre Amaro* è excommungado!

—Protestante e.... e mais alguma cousa.

—Padre Amaro não merece resposta seria. Basta ser um devasso hypocrita que acha voluptuosa a modinha—*O que eu vi.*



—O redactor do *Echo* è um ignorante.

—Como?

—Não sabe o que escreve.

—Como?

—Pois não leu o *padre Amaro*?

—Ah! aquillo è homem que intende de tudo.....

Consummado leitor da Biblia, gosta e muito da historia de Loth.

—Si não reina naquelle escripto a ignorancia a mais crassa, dictou-o a má fé, a bajulação propria d'um caracter dubio e e vil, indigno e covarde.

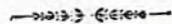
—Não merece resposta seria.

—Alma pequenina, verme imperceptivel para ser esmagado aos pés do Sr. Silva Gomes, só causa nojo à gente que o despreza,

—Pois diz isso d'um padre!

—Que padre!

Bem que seja da raça, si o fosse, era uma deshonra para o clero.



—Que sujeito è aquillo que vae alli meio coxo pela cidade baixa, todas as vistas se concentrando nelle, todos a fallarem, todos a cospirem de nojo?

—E' um *velho amancebado.*

—Como está todo lustroso, todo cheio de galões, todo bordado, todo polido, todo lepido, todo gamenho, todo no *degagé!*

E' algum Braz Mimoso?

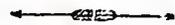
Agora reparo; è um pobre *mancebo, bon vivant*, um metino que sabe viver.

—E' velho, è menino, è amancebado, è *mancebo*; ora deixe-me!

—Eu mando lá V. estar com a vista escura.

Tudo aquillo que V. está vendo, aquelles bordados, aquella polidez, è tudo de cebo. o lustro è de cebo, o homem enfim è todo de cebo.

—Ora tanto cebo! ora cebo!



—O *Patriota* vem desta vez engraçado! Falla em *merdites*, em descargas de az e outras cousas assim.

—Safa! è mau o gosto!

Encher a gazeta toda de m....!

—São gostos, e sobre elles não ha disputa.

—E falla tambem no *Echo*.

—Deste não tem resposta. Elle sabe porque, ainda que seja elle o primeiro a não respeitar conveniencias; a não ter contemplações.

—Nem tanto!

—Amizades da epocha; cavalheirismo da moda....



—Capitão, um pedido.

—Diga-se.

—Mande por favor o muxingueiro às Grades do Inferno, em certa padaria, a metter a taca n'um caixeirito semi-socio, que alli ha, o qual vive só a fallar da vida albeia.

—Pois não!

—Mande-o depois, capitão, conduzir ao Dr. C. tana, para com o catatau mandar fazer-lhe a barba que se acha já bastante-mente crescida.

—V. Ex. sabe que è preciso castigar aos que erram.

Reune-se o patife com uma sucia de companheiros e moleques e atrapalha de mas a mais a quem passa.

—Está o Sr. servido.

—Muxingueiro, ouviste?

—Sim, Sr.

—Pois executa.

—Agradecido capitão. A's suas ordens.



Em virtude de terem-se esgotado os exemplares do numero passado, reproduzimos a seguinte caricatura:



Conselho em palacio para salvar a dignidade do paiz, ja perdida,

Os Braz-Mimosos discutem.

—Calças de casimira fina a 8\$ rs.

—Duvido.

—E' serio.

—Onde?

—No 63.

—Mentira, Sr.

Estava bem bello!

Pois o Sr. com este corpanzil, gorducho a ponto de passar por obeso, quer calças de casimira fina por 8\$ rs.!

—Oh! E ha differença para os gordos e magros?

—Que duvida! Ao menos um destes dias foi o que deu-se.

Um moço de corpo regular pediu as taes calças e pediram-lhe 10\$. «Não annuncia por 8\$?—Sim Sr., mas o Sr. é gordo.

—Estão no seu direito, fazem bem em zombar assim com o povo.

—Pois eu acho a pilheria de mau gosto.

—Não; o que ha é que elles quando annunciarem, devem fazer a distincção.

—Forte desaforo!

—O Sr. zanga-se..... ca, ca, ca!

—Quem tem a culpa?

Dizem os capotes que o macaco.

Pois arribeau-lhe o rabo, e tomem tabaco.

### A PEDIDO.

Pergunta-se si um subdelegado, o de Pirajá por exemplo, pode mandar prender

um homem maior de 50 annos, só porque este não se quiz sujeitar a vir á cidade trazer officios.

*O stupefacto.*

### Atenção.

O Sr. C. M. P. é convidado a vir no praso de 8 dias pagar ao annunciante a quantia de 25\$ rs., que em juho de 1862 tomou por emprestimo para sortir um botequim no theatro de S. Pedro de Alcantara por occasião de um baile de mascaras na vespera de S. Pedro, e não o fazendo passará pelo de-gosto de vêr seu nome por extenso, além de ser compelido a pagar judicialmente, pois basta de mau-gação.

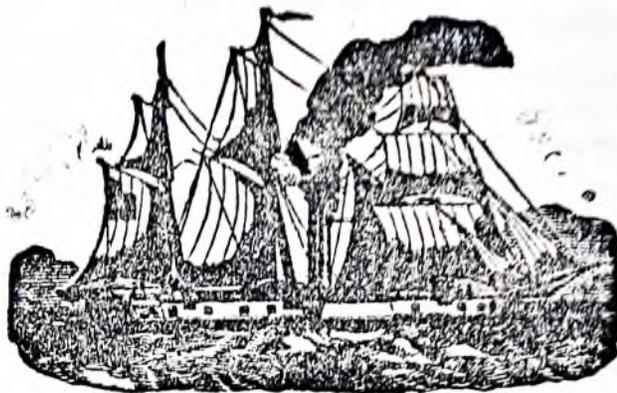
Bahia 14 de outubro de 1864.

*Tranquilino Si'vestre dos Santos.*

### Pede se

Ao guarda marinha pedestre Guilherme que vá á rua Direita de Santo Antonio e leve á presença do capitão do *Alabama* um certo moço, estudante de *Possid*, afim de ver si acaba com o escandaloso namoro que tem com certa yya maluca, deixando de mostrar aos seus collegas cartas da mesma que em seu poder tem.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES & C.



# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 12.<sup>a</sup>

BAHIA 19 DE OUTUBRO DE 1864.

N.º 123

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Misericordia n. 17 a 15 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

## O ALABAMA.

Começa hoje a decima terceira serie.

Isto quer dizer alguma coisa aos Srs. assignantes que devem duas e tres series.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 17 de outubro de 1864.

Officio ao Ex. Sr. commandante das armas, pedindo-lhe que mande ao menos collocar uma meza na nova guarda do Curral, para que haja onde se escrever, e para que se não fique fazendo tão má ideia das cousas que correm pelas repartições militares.

Ao Sr. subdelegado de Sant'Anna, chamando sua attenção, para uma padaria á rua da Poeira que dizem pertencer a um africano de nome Tito, onde ha todos os do-

mingos batuques e algazarras, que muito incommodam a vizinhança e que sempre acabam por alarmas,

—Ao Sr. subdelegado do Rio Vermelho, perguntando-lhe si é verdade que na altura da Mariquita, povoação dessa subdelegacia, appareceram e existem alli boiando diversos cadaveres, e que providencias tem dado S. S. á respeito.

Portaria'ao fiscal geral. Chegando ao nosso conhecimento uma queixa dos moradores vizinhos á uma padaria da rua da Poeira, que se queixam do constante incommodo que soffrem, em virtude de certa substancia que se costuma torrar no quintal daquella padaria, e que se suppõe ser para misturar café; ordeno-lhe que passo a dar rigorosa busca na referida padaria e apprehenda si por acaso encontrar farinha podre ou outro qualquer objecto que não esteja em bom estado. Cumpra.

—Que sujeito é aquelle que está na thesouraria geral a contar dinheiro.

—E' o thesoureiro.

—Ha tres dias que vou alli trocar dinheiro e elle diz que me não despacha por que está a contar dinheiro.

—Tem razão.

—E eu que fique com estes papéis pintados e rotos, que me estão ha tres dias, a prohibir que compre mantimento.

A principio, quando tinha mais algum dinheirito, não dei cavaco, mas agora bem vê, Sr. capitão do *Alabama*, que é preciso ter dó da humanidade, dar de comer a quem tem fome; principalmente quando eu fiz de trinha parte, tanto que tenho dinheiro.



—Vêm Julinho como está na janella?! Como pula?! Como acompanha o realejo?! Quantas momicas faz?! Quantas estrategias?! Quantas manobras?!

—E' namoro do homem.

—Julinho tem cousas!



—Dr., ja botou hoje gallos a brigar?

—Ja.

—Veja este da Conchinchina.

—Não é verdadeiro.

—Quer me comprar este canario?

—Canta de estalo?

—De corrido, Dr.

—Não me serve.

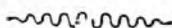
—Quer este pombo inglez?

—E' mestiço.

—Ora, meu Lambean, deixe-me.

—Quero la que digam que eu sou pasariuheiro!

—Sim, não é bom fallar verdade.



—Que moço é aquelle?

—E' uma hispany man?

—Quanta bravata! quanta farronada!

O Sr. é inglez?

E' norte-americano?

Esteve na Inglaterra?

Morou com inglezes?

—Ora *cebo*, Sr.! que curioso!



—Que animal é aquelle alli no engenho da Conceição?

—E' um amphibio, que veio do *Bomfim*.

—E aquella negra que lhe está a lavar as costas?

E', como dizem, um *archanjo*; eu chamo-a porém o demonio.

—E aquelle outro bicho, o *coelho* não vê aquillo?

—Vê; mas faz como quem não vê.

—Porque?

—Porque o timbre delle é deixar em santa paz a quem não se importa com outra qualidade de animal, quanto mais com coelhos.

—Mas que fazem os dous?

—Estão a tomar banho, o macho com a boia á mostra.

—Nada faz entretanto, e quer prohibir que se tome banho nas roças.

—E que tem elle com os banhos?

—E' que o bicho no tempo em que era gente *fiscalisava* no *geru'*; agora ainda tem lembranças do tempo que já passou.

—Ah! é um que andava de chapéu com fita azul e branca? um que era tido por lusitano?

—Justamente; um que andava com uma dama á *bambocha*.

—Que cara de *coelho*!

Que queixos de tribuna!

—Muxingneiro, tange á taca aquelle *bruto do Bomfim* até o porão do *Alabama* a fim de ver si no *secco*, ainda de condição; ainda que não vire gente, virará macaco. E os outros dous mette-os n'agua, quero ver esse casal de tratarugas.



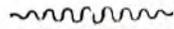
—Preciso muito de um par de chinellos de trança.

—Compre-os.

—Onde os ha?

—Em qualquer loja aki, à cidade baixa, menos na da Lua, que os que ella vende são de pessima qualidade. Compra-se hoje,

deita-se-os amunhan fora; rompe-se logo. São inteiramente semelhantes aos uns sapatos de borracha que em certo tempo vendia a loja dos Figurinos.



— Capitão iô qué palavra.

— Dize o que queres.

— Angora que *Jurind di Bahia* tá ni reflexão; angora que paixão carinou, qui zaltamento baixou, qui sentimento friou; angora qui anani turo tá ni pacificamento, qui cousa turo vorta ri seu eixo; angora qui nosso turo tá ni *sicut erat*, iô què dize dua palavra só.

— Pois dize-as là.

— Esse nungoço qui succedeu nim Bahia, ni cara de presidente, nim venta de Mancebo, nim flocinha desse marinheiro turo de galão, esse tá um de sigraça sim gualamento ni sitoria de nação; nunca brío de um nação tá ni mai viripendiamento.

— Plagias!

— Ta ganaro, iô cita palavra qui iô gussa, deixa padre Amaro mordê.

Masi iô nunca viu um cousa assim: iô precorre turo. oia turo, iô só vê esse nim Africa; esse tá de buro, de caballo, de marê; mai ninguem faze esse.

Esse bicho *Wassuchet* tá um vregonha pra Sitaro Runido; commandante de ere tá buro qui dà conce ni quem mata mosca qui morde oreia di ere; consul fujão tá memo cuma anani pinta ere, tá um cachoro, um cousa ruim, um fujão, qui dize turo.

— Ora bem: queira calar-se, que eu não quero historias.

— Sitoria! Sitoria de que é?

Brazilero, qui tá cuma leão veia, qui turo martrata, toma taca e nan pore fala. Tranjero só é qui voga! Tá cuma esse gente qui suja ni caza e fica ni zanga!

Ora pru mó de Deu!

Si esse paize nan tá livre, si iô nan pore falla, si libedare di pensamento nan ta bi, iô deixa *Labamba*, iô deixa *Latronopo*, iô deixa *Brazi*, iô deixa *America*. iô vae ni meu Africa.....

— Mas, rapaz, queres complicações com os Estados Unidos?!

— Nan pru Deu! iô gussa munto de Sitaro de Norte; iô negro, iô sicravo; nan pôre deixa de sê pologisa de Norte qui forra

sicravo. Pru esse e pru mai qui iô? pensa, iô nan pôre quere complicação cum ere.

Mai nan é contra ere qui iô falla, iô jurga qui ere condo consul recebe 500,000 pesos, manda bota ere nim praça cum córida nim colo (terimo de poeta).

— Mas em que ficas então; qual o motivo de teu discurso?

— Iô chega já.

Confessô din frocado ha de sê padre Amaro, praque ere dua sintendo, dua home qui pru dinheiro vende lei, Deu, patria e honra.

E' esse qui iô vem pede o-sincellence qui recommenda governo de Sitaro Unido.

— Mas não ves que eu commando um navio que teu o nome d'um corsario?!

— Ah! Capitão nan me quere servi!

Qui tem nome de navio, si o-sincellence é nimiga de ladrão?!

Iô inda lembra condo *Labamba* principia qui dize: *Labamba* nan tá ladrão, *Labamba* tá nimiga cerrima de ladrão.

Anda, capitão, faze favo; iô que vê padre Amaro nim froca cum turo infame.

— Mettel-o-hei no porão, estás satisfeito?

— Nim frata dum cousa mió, iô gradece munto o-sincellence.

## A PEDIDO.

Ora *casquilho* não ficou damnado com o *Alabama*?

— Porque?

— Por causa de uma publicação á pedido que sahiu, tratando do que elle disse á respeito de um moço musico, que se casou com uma parda escura.

— E' na verdade um tollo!

— E quiz ir dar uma satisfação ao moço, e responder no *Jornal da Bahia ao Alabama*.

— Ca.. ca.. ca., ca!

Porque não deixaram elle dar mais esta pa'ada!

Então eu ia tirar uma certidão na secretaria eclesiastica, afim de

provar-se como a avó dello por parte de pai foi parda, e que elle a escudia quando entrava alguma visita.

—E no entanto que este patife é o primeiro a conhecer mulato, e diz alto e em bom som que, não quer mulato em sua casa!

—Mas quer o *gailinheiro*...

—Por força que este é africano mas tem dinheiro, e quem tem dinheiro embora preto branco é!



—Que homens são aquelles?

—São *artifices* ou artistas.

—Que fazem naquella casa?

—Reunem-se em *sociedade*.

—De que tratam?

—De uma melgueira de tresentos e tantos bicos empalmados por um sujeito que *recebe* das mãos dos outros.

—E que mais?

—Tratam de um sujeito que foi victima do *l'espertalhão*, por que tendo obrigação de tomar para guardar o que elle recebia, descuidava-se disso, confiando no tratante, e descansando á sombra de um *pé de cidra*.

—E quem é esse melro?

—Um tal *Zé Goarte*.

—Que mais?

—Tratam da complacencia criminosa dos que dirigem, por não cumprirem suas obrigações, e concorrerem por esta forma para tal defraudação. Accusam acrimosamente o cabeça porque sendo menino que com dous olhos encheria por quatro, consentiu ou fechou os olhos áquella bandalheira.

—E por fim quem vem a soffrer?

—Dizem que o *thesoureira*!

—Bem bello!

—Para que foi descuidado?

E com quem com um sujeito que por fim sempre é menino que anda pelo *forum*.

—Lá se avênham!



Adverte-se a dois pintores que estão trabalhando em uma casa que *não é* de n. 47 à rua dos Capitães que não continuem a dar pateadas nas pessoas que passam, e proibindo as familias de chegar á janella pelas immoralidades que praticam.

*A Rua da Valla.*



He do homem a mulher o maior bem,  
He do homem a mulher o maior mal,  
Si adora e ama não ha prenda equal;  
A morte e o veneno a mulher tem.

Na bondade, é melhor que mais ninguém;  
Na maldade e traição não tem rival;  
Neste mundo é a ventura principal,  
Neste mundo o maior mal della nos vem;

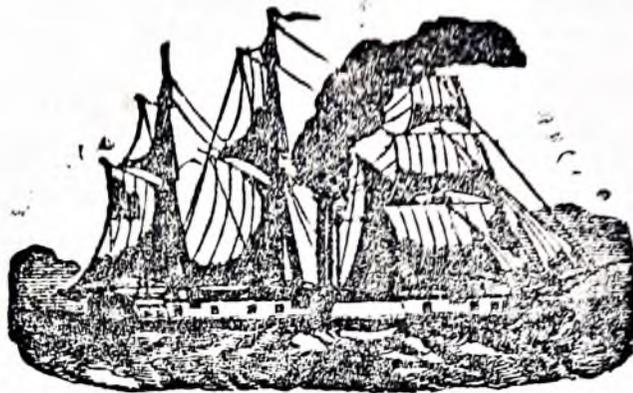
Ella nos dá sen sangue, ella nos cria,  
Mas o ceu não fez cousa mais ingrata,  
A mulher, ora é um anjo ora uma harpia,

Tão depressa quer bem como maltrata,  
He enfim a mulher como a sangria  
Que as vezes dando vida as vezes mata,

## ANNUNCIOS.

### Aviso com tempo.

O funileiro à rua do Rosario de João Pereira n. 23 encarrega-se de fazer urnas para deposito de ossos;—tanto de cobre, como zinco, e folha de flandres—assim como caixas para capellas de contas, flores de penas, conforme os que tem apresentando no Campo Sancto, unico que as tem preparado ao gosto de quem lhe tem dado a honra de encarregar-lhe esse custoso trabalho. Tudo será como sempre feito com bastante economia de preço.



# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 15.<sup>a</sup>

BAHIA 20 DE OUTUBRO DE 1864.

N.º 124

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Misericordia n. 17  
a 1.ª rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 19 de outubro de 1864.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, informando-lhe que ha na rua da Ordem 5.ª por baixo da casa do Dr. Pedroso, loja n. 4 B., uma mulher que ensina a meninas, a qual tem o *louwavel* costume de esparcalhas nas nadegas com palmatoria, deixando-as em lamentavel estado, acto que praticou ultimamente com uma menina da casa do Sr. capitão Bollaia, a qual segundo nos informam, achou-se maltratadissima.

Portaria ao guarda-marinha pedestre Guilherme, ordenando-lhe que vá ao Taboão, em casa de certo gallego, por cima de certa venda onde se festejava a S. Vicente e intima-lhe que se faz preciso deixar de incomodar e insultar a vizinhança com seus desaforos e palavradas, sob pena de ser recolhido ao porão d'este navio, onde lhe fará as contas o muxungueiro. Cumpra.

—Sabe d'um caso?

O *Wassuchet* parou 15 minutos defronte da Gauboa; o invalido cosinheiro do comandante fez signal com os olhos para que esperasse....

—Isto é, às escuras.

Ora vá bugiar.

—Ca, ca, ca, ca!

O jornal *Povo*, descompondo ao presidente da provincia por haver *desayarrado* da subdelegacia o embifrrante Valença!

Apregoando que o presidente era um simples desembargador e que o Valença foi quem o fez eleitor, vindo-lhe dahi a nomeação de presidente.

—Ca, ca, ca, ca!

—São incontestaveis a influencia, brio, prestimo, delicadeza, poder, cavalheirismo e tudo quanto imaginar se possa do tal Valença da Rua do Paço, vizinho e em comunicação com os frades do Carmo.

—Dizer que o Valença fez eleitor ao Sr. Silva Gomes! quando dizem que o Valença, por ver a influencia do desembargador, que o levava a primeiro eleitor, tratou de cortar-lhe a votação!

—Não admira! Que val ter elle tirado o *Ubaldo* do pó, quando tirou do esquecimento o Silva Gomes?!

—Ca, ca, ca, ca!

—Si está zangado, morda-se, meu Valença! Tenha paciencia, espere que snbam os vermelhos, que por ora estão os pobres pretinhos descancando.

—O cobrinha verde ainda é meirinho?

—Por ora não.

—Sabo do que a freguezia se quei-

xa? Amargamento do Sr. Silva Reis por tirar da lama uma lesma. . . . .

—Ca, ca, ca, ca!

E' cousa antiga; caem os muros, erguem-se os monturos; o mundo é assim; são as oscillações da vida, as peripecias do progresso, o sobe e desce, o equilibrio do mundo. Sabe a historia da vibora?

—Olé! como vem palanfronico!

Ca, ca, ca, ca!



—Onde esteve?

—Venho de Cachoeira.

E' insupportavel o vapor 2 de Junho!

Que relaxação! que miseria!

—Que viu?

—Não anda o diabo; disseram-me que por falta de caldeiras.

V. Ex. veja si por meio de uma subscrição pode comprar umas caldeiras para offerecel-as á companhia.

—Tractarei disso.

• Que mais houve?

—Os marinheiros todos nós, de sorte que ninguem pode levar alli sua familia.

—Que mais?

—No desembarque uma atrapalhação dos diabos; uma grande caixa de miudezas foi levada por outra de charutos.

—Como?

—Não se pode levar hoje a carga, disseram de bordo; venham amanhã que o vapor não sahe.

No outro dia, sahe o vapor, vão os trastes que não foram trocados e tudo mais assim.

Tem termos isto?

—Faça o favor intender-se com o superintendente, ou com o presidente da provincia.



—Capitão, cada vez apparece mais uma causa de disturbios nesta cidade e em S. Salvador principalmente.

—Que ha de novo?

—Não tem ouvido fallar na musica da Chapada?

—Tenho; que . . . ?

—Toda vez que ella toca, ha partidos e dos partidos provém conflictos que V. Ex. sabe não são nada bons.

—Quem lhe contou isto?

—Tenho visto, capitão; ainda um destes dias na rua do Paço, por occasião da festa á Santa Thereza, na Ordem 3.<sup>a</sup> do Carmo, houve um grande barulho e pancadaria a valer; houve até facas fora, e prisões consequentemente.

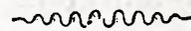
—Está tudo acabado.

—Não, Sr. ; houve a punição e o que eu quero é a prevenção; quero que sejam prohibidos os partidos, removidos os grupos, dispersos os moleques, e outras cousas assim, afim de evitar a desordem.

—Então é isso o que quer, não?

—Sim, Sr. : e consta-me que os barbeiros concorrem em grande parte para esses conflictos.

—Pois ouça, meu charo, vá ao delegado, ou ao chefe de policia que são quem lhe pode attender.



—E nada de vir o muro abaixo!

—E o Alabama sempre a dizer que elle cae.

—E ha de cabir.

E quando cabir, hade ser em cima de alguém; não o mandam deitar a baixo!

—Pois si esta ladeira é das ruinas!

—Miserickordia, meu Deus!



—Que meninos malcriados!

Vivem a insultar, a provocar as pessoas que passam!

Não se pode andar na rua do Tijollo!

—De quem são filhos?

—Não sei. Aquelle que está jogando pedras da janella é da casa do Sr. major José Antonio de Lima.

—Admira!

—Porque?

—Porque estou certo que o Sr, Lima não lhe dá tal educação.

Mas o caso é que muita gente se queixa e eu mesmo tenho sido victima todas as vezes que por ali passo.

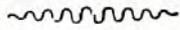
—E quem mora ali por cima da *mulher das panellas*, defronte do major Lima, n'aquelle sobrado amarello?

—E' uma excellente senhora casada, por nome D. Maria. Creio que seu marido esta ausente e ella sem duvida occupada no interior da casa ignora o que estão praticando seu filho e famulos.

—Guarda-marinha!

—Prompto!

—Vá ali à casa da Sra. D. Maria e diga-lhe que se torna necessario cohibir seus famulos.



—A's vezes o *Jornal* é desfructavel de mais.

—Porque?

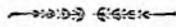
—Pois o homem não requisitou ao governo uma força de tropa de primeira linha para ser postada no Sebastopol de sua officina afim de obstar o *rapto do Florida*, e fazer *graves prejuizos no Wassuchet!*

—E o governo que providencias deu?

—Annuin, com tanto que elle se pres-tasse a ser commandante.

—E o resto?

—Faltou-lhe o animo, e o pobre jornalista mudou de ruino.



—Sabe o Mancebo o que diz ao *Diario* que este não o respeitou como authoridade. Ca, ca, ca, ca!

—O homem pensa que a imprensa tem o regulamento dos marinhueiros.

—Tanto não pors, que elle sente que o não tenha.

—Ora este Mancebo!

—E' authoridade que quer metter medo. E queria que o *Diario* publicasse uma correspondencia em termos proprios de chefe de marinhueiros que falla arrogantemente com seus parceiros e subordinados.

—Seria melhor que elle....

—Se não dêsse a desfructo; recolhesse-se aos bastidores.



—Eu creio la em *brasileirismo* de naturaes do Rio da Prata!

—Para que diz isto?

—E' que os factos ali estão.

—Que factos?

—Pergunte ao povo da Bahia, ao Brazil inteiro e até ao commandante do *Wassuchet* e ao Wilson. . . . .



—Oh! vende-se agna no Curral!

—Que duvida! Rendimentos da camara.

—A proposito, a camara tem pago á companhia do Queimado o importe d'agua fornecida ás cadeias?

—Dizem que não; consta que desde a primeira peuna até hoje tem um vintem viu a companhia; a conta sobe já a dez ou doze contos de reis.

—E' peta.

—Homem, a cousa é facil de saber-se; uma certidão tira a duvida.

—Emfim, por la se arranjem, a camara e a companhia são do mesmo credo, la se intendem, por la se hajam.



—V. não sabem que estou pensando!

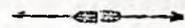
—Não.

—E' no *Jornal da Bahia* não ochar responsabilidade no Mancebo.

—Serio?

—Diz que os ligeiros o accusam pará dar o logar ao irmão do Barboza!

—Proh! pudor!



—Ora com effit!

Que terra, que epocha, meu Deus!

Não ha remedio sinão acompanhar o *Patriota* nas suas lamentações de Jeremias..

—Que tem V., homem de Deus?

—Estava aqui a pensar n'essa gente stulta que faz investidas de leão e retiradas de seudeiro.

—Refere-se ao Mancebo?

—Pois não tenho mais em que gastar meu tempo?!

Quero lá saber de hespanholadas!

—A proposito de hespanholadas, viu o Sr. como veio o Mancebo no *Jornal* de terça feira?

—Quero lá saber de cebos nem de Mancebos!

—Ouça. Diz que quando entrar em conselho, ha de provar que não fol elle o responsavel pelo desacato que soffremos.

—E porque não o prova já?

—E' que o bocado bom guarda-se para o fim, embora elle diga que só em consideração á opinião publica é que veio á imprensa.

—Ora, este hespanhol!...

—Dizem que o querem agarrar para cuspir-lhe na cara, arrancar-lhe os galões, despir-lhe a farda.

—Intrigas, planos politicos; ninguem pensa em tal, e eu protesto.

—O *Jornal da Bahia* que a principio disse que o Mancebo estava a bordo, agora que passa por certo que elle dormia no hotel, disse que si elle dormia, o presidente tambem dormia em sua casa!

—Ora esta é bem lembrada!

—E então?! Tropas na praça, em Santa Thereza, na Gauleira, no caes e o presidente a commandar a manobra!

—Esta só sua.

—Do *Jornal da Bahia*....

—E que dirá o Mancebo para defende r. ?

—Que o artigo 8. das instrucções não manda empregar a força para obrigar aos belligerantes a respeitarem a neutralidade!

—Si fôr capaz de o provar.....

—E si não o for?!

—Ah! eu dictador!

Nem V. estava ahí a fallar tanto, nem muita gente continuava a vestir farda.

—Ora boas noites!

Isto agora é que é hespanholada.

O Sr. pelo que vejo é discipulo do Mancebo.

—Não me aborreça, faz favor?.....

—>>> <<<<<

—A fortaleza do mar fez signal, pedindo socorro, com medo que o *Wassucht* o levasse a reboque conjunctamente com o *Florida*.

A *Gamboa* respondeu que estava dormindo—isto é o commandante.

A's 6 horas da manhã—fazia alguem a seguinte pergunta aos individuos que iam tomar banhos na *Gamboa*:

—Ha pouco me disse o meu cossinheiro ter hido esta noite tres

no mar sem negocio com o *Florida*? ....

Toda aquella gente na beira da praia admitou a *ingenuidade* da pergunta do pae Pedro!!

—Oh!

—Oh! tempora! oia! mores!

Oh! tempo em que eu pulava a cerca para colher amoras!

---

### A PERDIDO.

---

—Que senhora é aquella?

—E' uma professora que affecta e muito de honesta e religiosa: veio ha pouco tempo de França, e antes de abrir aula, assentava-se diariamente no adro do Bomfim, parecendo denotar a perpetua saudade, que lhe lavra n'alma, dos bons tempos que ja se foram.

—Ah! é do jardim do cume da montanha onde disfarça as bellezas que praticava na Santa Casa da Misericordia com as innocentes crianças!...

—Justamente; é ella mesma.

—E como certos paes de familia ainda consentem alli seus filhos, suas filhinhas, ternas e innocentes?!

—E' por que não sabem que alli até se arranja casamentos com as alumnas.

—Guarda marinha, si essa senhora continuar a incommodar os paes de familia com pedidos importunos para encher seu collegio, conduza-a ao porão.....

—Ca, ca, ca, ca!

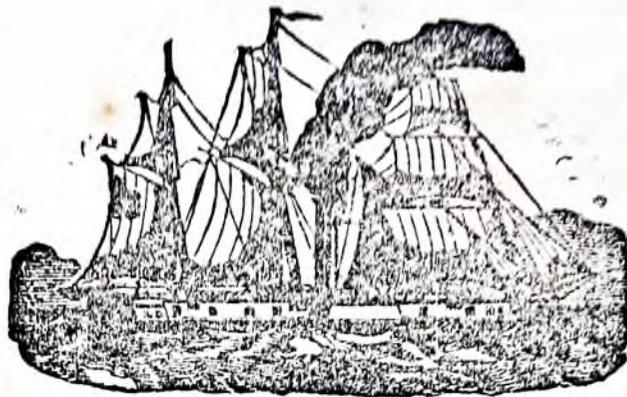
—O caso não é para rir.

—Ca, ca, ca, ca!

—Toma sentido!

—Eu não queria fazer-lhe essa charidade porque dou-me com ella; mas enfim..... as ordens de V. Ex. serão cumpridas.

—E faça-lhe advertir que se publicara seu nome, si não se quizer emendar.



# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 15.<sup>a</sup>

BAHIA 22 DE OUTUBRO DE 1864.

N.º 125

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Misericordia n. 17  
à 15 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 21 de outubro de 1864.

Officio à camara municipal, chamando sua attenção para o estado em que se acha a fonte dos Padres.

Portaria ao guarda-marinha pedestre Guilherme, ordenando-lhe que faça retirar uma caterva de negras vendedoras de doce que se costumam sentar na rua Direita da Misericordia ao sahir da Praça, as quaes dão motivo a que ali se ajuntem bastantes capadocios para offender a moralidade publica de parceria com taes pretas. Cumpra.

—O padre Ayres, o dignissimo vigario encomendado de S. Pedro..

—Oh! veio de encomenda?

—..... excommungou um livro!

—Mandou queimal-o?

Que livro foi?

—Uma obra em favor da Polonia, por quem tanto se esforça o proprio Pio IX, os pensamentos d'um homem em mungus de camisa.

—Ah! tem razão!

Falla no *Brazil Catholico*, que é caudatario do arcebispo.

—Seudo assim... o herege, o author deve morrer na fogueira!

O padre Ayres tem suas saudades da Inquisição.

—Ao menos haveria emprego para muita gente. Essas viboras que se intromettem no seio das familias para corrompel-as e prostituil-as tornar-se-hiam familiares do santo officio.

—Os vigarios?

—Não; si o padre Ayres tal deseja, o que não affirmo, é só para dar que fazer a quem o não tem, para dar que comer a quem tem fome.

—Ora, si eu fosse imperador, mandava uma bem boa.... mitra para o padre Ayres; o bispaço de Goyaz, por exemplo. O padre se havia dar bem com os botetudos.

—Quem é aquelle moço gaiato?

—E' um impostorzinho, caixeirito de meia cara, que, quando mandou o arrolamento da familia ao inspector de quarteirão deu a conhecer o rendimento que tinha de 1:800\$, entretanto que para subir ao escriptorio, é preciso tirar na porta a gravata.

—Como se chama?

—O alferes Cutila.

—Quem é elle?

—Ora, capitão! é elle mesmo.

—De-me assim algumas circumstancias que o possam fazer conhecido.

—E' vermelho, um dos lembrados para tenente pelos seus bons serviços.

—Adiante.

—Elle diz que si fosse commandante de companhia, todo guarda que não batesse chapa de seu partido era remettido para a tropa de linha.

—Bello! Aquelle moço é guerreiro.

—Filho de peixe é peixinho.

O pae tinha um *geito* particular para a *ccusa*. Pela *Sabimada* procurava os rebeldes (para matal-os a ferro frio, como muitas vezes fez) até dentro dos toucadores e das caixinhas de joias.

Faça V. Ex. ideia, que valentão!

De tal pae tal filho se esperava.

—Não sabe mais nada?

—Tem em caza uma pardinha infeliz que com elle vive, a qual levou uma vez uma bofetada por dizer que desejava que o partido liberal vencesse.

—Eu não digo?!

—E ultimamente, às 11 horas da noite do dia 20 do corrente, maltractou-a terrivelmente com pancadas brutaes, a ponto de accordar a vizinhança que pouco tempo antes procurava o descango.

—Mas porque?

—Não sei; diziam elle e a mulher (que é mulata saratã, rasão por que elle não a quer na janella) que sua filha não era egual á rapariga, porque esta era mulata. E depois dizia o macho aos moleques, a cada um de per si: Quando ella te fizer alguma cousa, dà-lhe de rijo!

—Com tanto se achará o melro.

Guarda mariinha, maude pegar aquelle moço branco.

(Continúa).



—Conhece um padre devasso que ia ao colleiro publico namorar aquella mulata bonita?

—Si o conheço!

E deu tão forte que pegou o passaro; mettu-o na sua gaiola; e o bichinho se acostumou por tal maneira que ainda estando a gaiola n'uma rua que tem fogo, não deixa em seus trinados de invocar a S. *Salu.tiano*.

—E que tem esse santo com o padreco?

—Antigas relações cultivadas nas *sitras*, isto é nos bosques d'uma antiga cidade em que costumavam tomar *ares*.

—Ah!

E se faz tão santarrão?

Que refinado hypocrita!

Muxingueiro, faze o teu dever.

—Com aquelle cambaio, capitão?

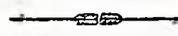
—Indireita-lhe os pés n'um par de machos.

—E' miope, capitão.

—Abre-lhe a vista com a taca bregeiro!

—A coroa, capitão?

—Faze o que te mando e dá o diabo a teu saber.



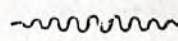
—Que spectaculo está dando aquelle homem alli na Estrada Nova.

—Quem é?

—E' o sargento vago mestre do batalhão de *pescadores*, que está de espada núa a querer cutilar os soldados de policia.

—*Spiritualismo*.

—Bebedeira.



—Novidade!

—Qual é?

—O Seraphim chamou á presença do Dr. delegado uma mulher para esta lhe entregar, entre outras cousas, um par de chinellas que lhe emprestára para andar com ellas.

—E o que tem isto?

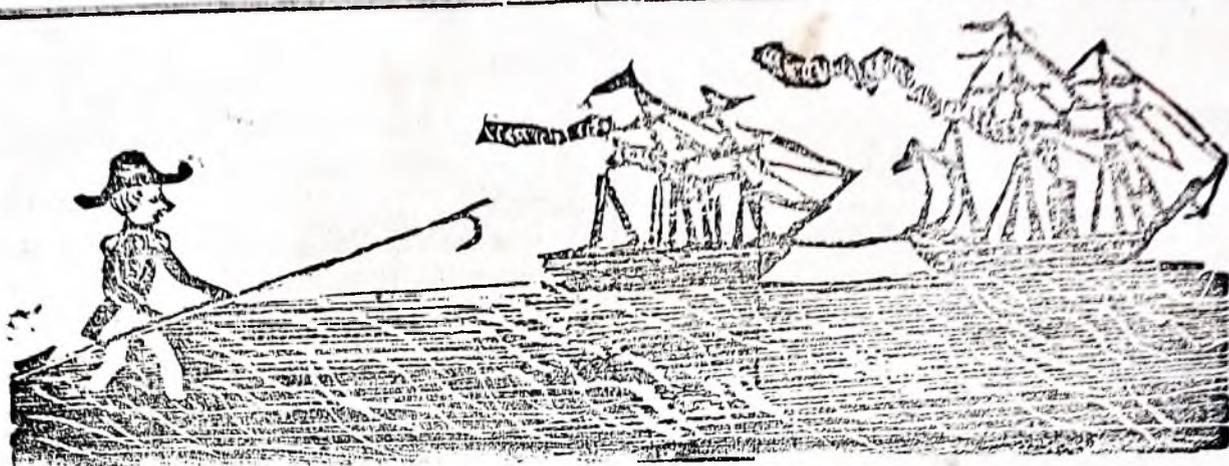
—Calçado emprestado para receber depois de velho.

E massa a autoridade com essas e outras.

Este seraphim!

—Bem mostra que tem raça de judeu.





### Chula offerecida aos dilettantis da Bahia.

Esta Bahia tem cousas  
De fazer ar epiar;  
Tem *mancebos* que são vellos  
E vellos a remogar!  
    Quiquiqui, cacacá,  
    Ora *cebo*, sinhá.

Eu com a bella n'um hotel,  
Tu da creoula nos braços,  
Morpheu, Amor nos inspirem,  
De Marte quebrem-se os laços.  
    Que covardes, arre-la!  
    Ora *cebo*, sinhá.

Neptuno, o tridente ten  
Está aqui nos tres galões,  
A vida exporei lá fora  
P'ra dar cabo dos ladrões.  
    Puff, puff, cangaumbá,  
    Ora *cebo*, sinhá.

Não se pode fazer fogo  
Que está o velho a dormir;  
Fortaleza de fraqueza,  
Com *doentes* p'ra servir....  
    No mar tiros, o que ha?  
    Ora *cebo*, sinhá!

Gente do mar valorosa,  
E' dia, olhae o arrebol;  
Matemos, morramos todos  
Depois que sahir o sol.  
    Assim, meu Quichote. olá!  
    Ora *cebo*, sinhá.

O vento ja deu nas vellas  
Ja vão longe, oh! que horror!  
Vão-se embora e ca me deixam  
Passando por um traidor.  
    Deixaram V. so cá?  
    Ora *cebo*, sinhá.

La se vão, e eu de *gancho*  
Ja não os posso pgar,

O vento que ha p'ra elles  
P'ra nós começa a minguar.  
    Stá direito, cacacá,  
    Ora *cebo*, sinhá.

De dourados, tão limpinhos  
Cobertos de lama estão.  
Que lhe faça bom proveito,  
Hespanholito Roldão.  
    Esta è sua, tome lá,  
    Ora *cebo*, sinhá.

### O mancebo quixote.

Pelo reino de Neptuno  
Houve grande reboliço  
Amphitrite, de assustada,  
Quasi morre de feitiço.

As nereides aterradas  
Foram na ilha do Medo  
Se esconder; pois que o caso  
Não esteve de brinquedo.

Tritão vendo este alvoroco  
Quiz dar o brado de alerta;  
Das mãos cabiu-lhe a trombeta  
E ficou de bocca aberta.

Indagando-se o motivo  
De tamanha patacoada,  
Não havia novidade,  
Era mera cassuada.

Era um *gigante* mancebo  
Com ares de valentão,  
Que quiz tirar uma arraia  
Das garras d'um tubarão.

Quiz mostrar qu'era valente  
E bastante corajudo,  
Fez-se ao largo com tenção  
De metter a pique tudo.

Mas o mancebo ancião  
Chegando no alto mar,

Em vez de brigar com peixes,  
Achou onças p'ra brigar.

## A PEDEDO

### Reflexões do momento.

No mundo cada um para o que nasceu; quem não tem vocação para ser soldado não se julgue com direito de vestir farda.

O marítimo que prefere as *delicias* de *Capua* (expressões do *Jornal da Bahia*) aos inconvenientes do mar não passa d'um *poltraão* —velho, ou *mancebo*.

A taes ho neas, ser-lhes-hia mais facil ajustar uma luva de pelica na mão dirigir *frezas* a uma dama nos salões, embora com a barba encanecida, do que encetar uma manobra na occasião do perigo, ou dar uma *abordagem* n'uma lucto.. Será um soldado d'amor, mas não de Marte!.. Cada qual tem sua estrella.

Ha heroismo e bravura de muita especie. Uns são bravos de espada, outros de *sain balaõ*.

Ha tempos, um homem do mar praticou um rasgo de *bravura* que deixou seu nome *recommendo* á posteridade: arrufando-se com sua *Bella* em um baile lembrou-se o *gamenho* que a melhor forma de fazer *pazes* e ganhar *celebridade* era dançar com ella uma galopada!

Fatal lembrança! *Galopada* infernal que até hoje ainda galopam!

Estes *filhos de Neptuno* são bravos n'um salão á prova d'agua, abordam uma moça com a mesma sem-ceremonia, com que o *Was suchet* abordou o *Florida* no ancoradouro da Bahia!!

N'esta provincia um moço raptou a moça n'um baile, no emtanto o nosso ministro o puniu.

O Sr. Mancebo, como chefe da casa deixou o *Wassuchet* rou-

bar o *Florida* sem dizer aqui estou e se deu atada ao *desfructe* de fazer-lhe um pomposo *bota fora!!*

São *generosidades* proprias da Hespanha, ou *cavalheirismo* do *rompante* hespanhol.

Ainda duas palavras; entre o rapto da moça e o do *Florida* existe uma differença mui notavel: o moço raptou a moça, — a nodoa não passou do circulo da familia; mas a do *Florida* foi um labeu negro que sempre estará gravado na frente da nação brasileira.

Não gosto de massar os leitores e aqui termino.

« Quem quizer saber da margarita,  
« Como o pinto da fabula esgaravate  
« E o illustre ministro da marinha  
« Ou puna o mancebo, ou puna o vate.

### Pede-se

Ao guarda-marinha pedestre Guilherme que vá a rua das Birricas e intime o Sr. Alexandre para que vá pagar a um refinador ao Caes Dourado os 23\$300, pois o tempo já é bastante. Sob pena de publicar-se-lhe o nome.

H.

## ANNUNCIOS.

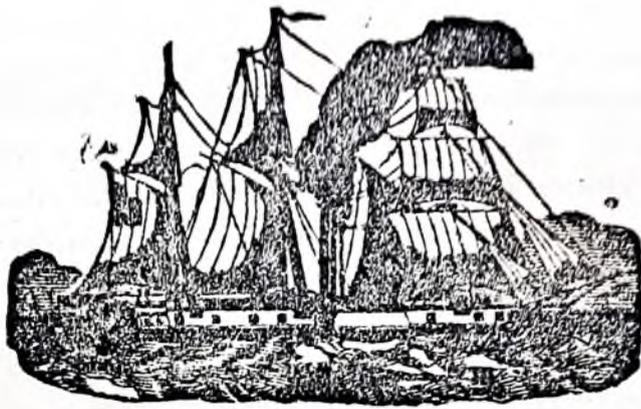
Do 1º de novembro em diante se abirá um curso de *pirataria*, em um dos largos da freguezia de S. Pedro. O patroao d'aula é S. Alexandre da Estranja.

### Ao publico.

Participa-se ao espreitavel publico que acha-se estabelecido no segundo salão do theatro de S. Joao um bello botequim onde se encontrará comodos para as familias servirem se sem o menor incommodo.

Quem precisar de uma ama de muito boa conducta, venha a esta typographia que se indicará.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES E C.



# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 15.<sup>a</sup>

BAHIA 25 DE OUTUBRO DE 1864.

N.º 126

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Mizericordia n. 17 a 1<sup>o</sup> rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Iatronopolis, bordo do *Alabama* 24 de outubro de 1864.

Officio á camara municipal, dizendo-lhe que mande examinar o sobrado de dous andares n. 54 á rua dos Capitães, pertencente ao Sr. José Pinto Nogueira, o qual (sobrado) se acha desaprumado, e ameaçando de abar, afim de que se evite alguma catastrophe egual á que se deu no gazometro.

Portaria ao guarda marinha pedestre Guilherme, ordenando-lhe que vá ao Terreiro em uma das cazas ao pé da igreja de S. Pedro, e prenda um individuo de nome Pedro que foi ou é escravo do Sr. Manuel Ignacio, visto ter o costume de se pôr á noite, sem a menor cerimonia, em fraldas de camisa na porta da rua, das 9 horas em diante. Cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe que vá á roça do Sr. Novaes e prohiba a certos meninos que lá vivem nos domingos que continuem a dar tiros até 8 horas da noite incomodando aos vizinhos do fundo, que moram na roçado padre Pereira, a ponto de cahir, um destes dias, uma porção de

chumbo no collode uma senhora; o que, além de ser contrario á postura municipal, não faz muito *bom cabello* a quem não tem pressa de mudar de mundo. Cumpra.

Portaria ao pedestre M. J. de Moraes, ordenando-lhe que informe sobre o facto que se deu com um moleque n'um eggenho cujo nome principia por Q., sito em Passé, facto no qual entrou um J. F. S. e que anda até hoje tão *incoberto*; entretanto que diz-se que morrera o moleque a pauladas, dadas por um tenente liberal. Informação que se lhe exige por constar-nos ser da caza certo velho gaiteiro e fallador com quem se intenderá Vm. ou com o piloto Marcolino. Cumpra.

### REQUERIMENTO DESPACHADO.

O padre Amaro, pedindo privilegio para saber grammatica e notar erros nos outros.  
—Informe o Kaémme (K—M.)

—Ora este *Brazil Catholico!*

—Que ha?

—Veja por favor.

—Um artigo sobre a conversão d'um inglez; uma chupança ao bispo do Rio Grande; a *questão romana*; a defunta irmã de D. Romualdo; fallecimento do padre Souto;

visita do bispo do Pará às freguezias de Solimões; *variedade*.

—Principie do fim.

—Culto dos santos: quem não adora imagens não adora a Deus! Ora puff!

A verdadeira mulher; passe.

O domingo; quem não guarda o domingo morre de repente!

Ora vá elle!

—O padre Queron; leia.

Faz nojo.

Passe a visita e o defunto e a defunta....

Questão romana.

Jesus Christo disse que Roma não seria capital da Italia!

Este homem é doudo; chama os publicistas de histriões quando elle, pomadista reconhecido, não passa de um bobo alugado.

Que palhaço!

—E ameaça a Victor Emmanuel com a lembrança de que seu pae não achou na patria oito palmos de terra.

—Mas não renegou a patria como certo hypocrita refinado que anda a vender bullas falsas quando na sua terra era officio do gallego vender selecta.

—Ora um periodico destes... vão la tractar d'elle!

A excommunhão do padre Ayres ahi está ameaçadora!

—Passando d'um polo a outro, eu sempre tive medo de *raposas*.

Ja vi bicho manhoso e velhaco!

—Vê os estudantes do Lyceu como pateiam o postilhão do *Alabama*?

—Costume antigo.

—Eugano: são os filhos do Gouveia Gravata que prôvocaram o acto.

—Deixal-os!

Arranha cada um com as unhas que tem.

—Olhe que *piloto*!

—Sabe d'uma proeza do *Lobo de Santo*?

—Lobo do diabo chamava-o eu.

Que foi?

—Entrou por um quintal, e, Attila caricata, devastou-o inteiramente; arrancou as arvores que encontrou, picou-as e fez o diabo.

—Provavelmente já tinha juntado. Sabe a razão?

—Disse que elle foi o plantador.

—No quintal alheio! Si foi, perden o feitio. Que fez o dono do quintal que não o processou?

—Elle è juiz; e depois o homem teve dó de quem não regula do meio dia para a tarde.

—Ora com effeito! E vive-se exposto aos desacatos dos visinhos ma'creados, dos bebados e até de certas authoridades!

—E elle disse que ha de fazer não sei o que ao moço prejudicado.

—Que o faça.

Muxingueiro!

—Prompto, capitão.

—Onde encontrares um *lobo* fardado de capitão, mette-lhe a taca de rijo!

—Será obedecido, capitão.

—Capitão, V. Ex. da-me uma palavra?

—Que queres, muxingueiro?

—O padrego de *bom gosto* continúa.

—E que fizeste?

—Intimei-lhe a ordem que de V. Ex. recbi, ao encontral-o ua maior devassidão com a Sinhá Pequena.

—Que fez elle?

—Disse-me que tinha licença.

E que fizeste?

—Fiz-lhe lembrar S. *Jorge*, não attendeu; ameacei-o dirigindo-me a S. *Joaquim*, para queixar-me ao reitor, elle não deu cavaco.

—Ora isto!

Si eu agora te fizesse o que não quizeste fazer nelle!

De que te serve essa taca?

Olhe que jesuita! Como tem tanto respeito aos *formigões*! Quem não quer ser lobo não lhe veste a pelle. Porque não respeitam a moral publica?

Anda! ja e ja vae metter-lhe a taca, hypocryta!

—Vontade não me falta.

—Tem ouvido fallar na repetição da *Sinibusada*?

—Tenho; dizem que os pescadores d'aguas turvas preparam obra para 27 de ou,

tubro, dia da apuração geral das eleições municipaes.

—Porque?

—Porque affiançam que a camara tomará em separado as eleições do Pilar e Brotas; do que talvez haja suspensão e nova edição do 1.º de março,

—Sua alma, sua palma. Quem quizer patas de cavallo gordo, segundo o I. Goes, metta-se nisto.

—Ja viu a critica da sociedade *Conser-  
ta dos Dramas?*

—Oh! é importante!.....

Nem o contrario se podera esperar.

Confiada a nau a tal piloto.....

—E' um bobo.

A critica do paspalhão resume-se em fal-  
lar em flores e folhas, pitangneiras e cra-  
vos, jasmims e rosas, cheiros e versos e  
belleza da beneficiada *Linda*.

—Está feio! o outro, que tractando da  
atriz fallou somente nos olhos matadores,  
na bocca de cravo, no *seio tumido e pulpi-  
tante* da moça!

—Que desaforo! Si eu fosse o marido,  
tocava de peia esses patites!

Quem é o critiqueiro?

—E' um moço *gentil* e gaiato que anda  
de chapéu na mão.

—Não é tal paspalhão.

Ja é grande fortuna o homem se co-  
nhecer.

O homem anda de chapéu na mão... ad-  
vinhe la porque.

—Ora que lembrança!

Porque quem não tem cabeça escusa  
chapéu.

—O antigo *B. B.* do *Interesse Publico*,  
que dizia o *Diario* que era *bebe*.... está ar-  
rufado.

—Porque?

—Insultou insolitamente *a amigos a  
quem dous dias antes apertava a mão* e não  
gostou da caça do muxingueiro do *Alabama*.

—Mas que fez?

—O *B. M.*.....

—Mudou de nome?

—Costume antigo; não só de nome como  
de cara.

O tal intitulado padre encontrou o por-  
tillão e fez um rompante hespanhol.

—E' hoje moda.

—Não me leve mais em casa nem o  
*Echo* nem o *Alabama!*

—E perdeu-se um assignante.

—Não, homem.....

—Ah! era boccario!

—Não, homem; o *padrezinho* (filho de  
padre) é escriptor publico....

—Elle que vá *sujar* longe, onde não  
possa feder.

—Sabem o que dizem?

Que certo negociante de *baratas* de La-  
trono olis, o qual enriqueceu em dous  
dias, foi preso nas Europeas por moeda  
falsa; trazia no bolsiculo mil e tantos con-  
tecos.

—E as gazetas nada disseram.

—Nem dirão; certas cousas arranjam-se  
por maneiras...

—An! sim!

São assim todos esses tratantez!

Ah! Latronopolis!

—Viu a *Revista Academica?* Traz um  
excellente artigo do Dr. Alvares da Silva  
sobre o finado Dr. Laurindo.

—E' um justo tributo á memoria de um  
tal homem.

—Quatro bofetadas n'uma negra desa-  
vergonhada custam hoje 14\$920.

—Como? que significa?

—A negra vendia carne e tiveram de  
pagar-lhe 1\$ libras a 180 rs.

—Mas onde?

—Na terra das Areias. Pagaram tambem  
2\$ rs. , dinheiro extraviado; remedio  
1\$800, dias de serviço, a 500 rs, etc. etc.

—Mas quem?

—Quem repelliu o insulto de uma ne-  
gra, que só podia aturar ou desculpar ou  
quem tivesse a educação da preta, ou  
quem tivesse os brios della.

—Que quer agora que lhe faça?

—Que ao menos pubilque o nome do se-  
nhor da preta, para ser conhecido,

—Mas então que queria? queria que o senhor perdesse a escrava?

—Mas dizem que a conta foi exageradíssima. Publique o nome do cujo.

—Está V. bem servido!

—Publique, capitão!

—Ora encomende-se a Santo Antonio!

—Publique: elle é muito amigo do *Alves*.

—Deixe-me, homem.

—Pois digo eu; é um major *lusitano* vindo de *Guimarães*.

## A PEDIDO.

Então meu caro, foi sempre ao beneficio da D. Manuela?

—Fui, porém não achei mais nem platea, nem cadeira.

—Então para onde foi?

—Fui para o *trapiche d'ecouro*, e lá encontrei muita gente de gravata lavada!

—Então o trapiche esteve caro?

—E' verdade, não chegou para todos.

—E que tal esteve o beneficio?

—Esteve excellente.

O commercio offereceu a' D. Manuela uma capella de muito gosto.

Na occasião em que ella chegou em scena, foi recebida pelos caixeiros, por uma grande chuva de flores, bouquets e pombos com laços de fita e como de proposito os pombos iam cahir a sens pés!

O distincto poeta Domingos de Faria Machado recitou uma brilhante poesia.

No segundo acto recitou tambem uma bella poesia o Sr. Ildefonso.

—Que Ildefonso?

—O author d'aquella bellissima comedia

—O resultado da usura!.

—Ah!...

Já sei quem é este Ildefonso...

Escreveu tambem uma obra intitolada—

*Os mysterios da vida de um cortesão.*

—Ah! elle é um moço de muito talento!.

— Não soube tambem do soneto *snuebre*, que appareceu pelos corredores do theatro, e pelas esquinas das ruas pregados?

—Soube, porem não presto attenção a estas cousas, porque sei que isto parte dos apaixonados da *Leolinda*!....

—Já sei que o Sr. é apologista da *Manuela*

—Não sou nem de uma, nem de outra, porem sou contra estas publicações!....

—Acho bom que siga este systema.

Uma publicação que sahio no *Alabama* e que tracta de artifices e *Zé Goarte* e um homem que anda pelo form não se intende e m o procurador *José Duarte Ferreira*; o que melhor averiguará quem lel-a com reflexão.

Pede se ao Sr. Dr. chefe de policia que lance suas vistas para huma caza de charutos que ha no largo da *Piedade* aonde dia e noite se reunem filhos familias inexperientes por causa de hum certo jogo de bolla e outros divertimentos illicitos no que perdem alem do dinheiro a moralidade.

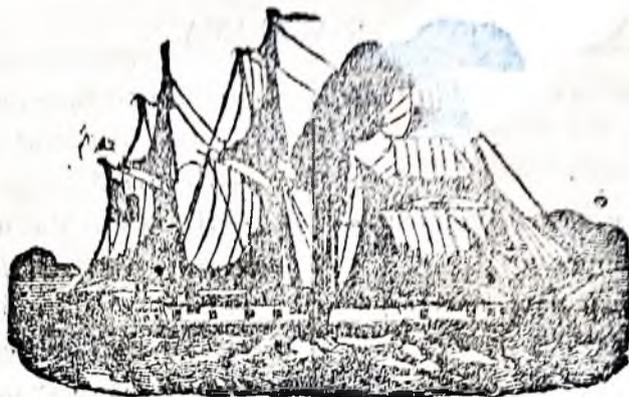
E' o que dizem.

## Pergunta sem malicia.

Pergunta-se ao Sr. subdelegado da infeliz freguezia de *Maré*, a razão por que não effectuou a prizão de um dragão conhecido por *Bujão* que no sitio *Maracanan* o mez passado espancara a um outro cujo nome ignora-se, de que rezultou ficar bastante maltratado, e com a cabeça quebrada, e o tal *Bujão* passeando, visto terem vindo para a policia guardados tres infelizes guardas nacionaes, para saciar paixões de um alferes que se quer dar a importancia sem ser cousa.

( ) *Tabaréu.*

O curso de *pirataria*, que se ha d'abrir no 1.º do vindouro novembro, dizem será precedido por um discurso d'abertura do major *Gagosa*, conhecido por engenheiro *Seringa*, no qual demens-tratá elle as vantagens da immoralidade e ladroeira.



# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 15.<sup>a</sup>

BAHIA 27 DE OUTUBRO DE 1864.

N.º 127

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Misericordia n. 17 a 1\$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 26 de outubro de 1864.

Officio à camara municipal, para que mande tapar um enorme buraco proveniente de uma escavação que fizeram no Campo da Polvora, ao sahir para a rua do Carro, e onde no dia 24 cahiu um pobre velho cego, o qual por felicidade não quebrou a perna.

—Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, chamando a esclarecida attenção de S. S. para diversos beccos que ha nesta cidade, focos de quanta immoralidade ha, e origem de não poucos casos lamentaveis, sendo que ainda no dia 24 deu-se no becco do Oratorio, um conflicto entre os creoulos Victorino e Satyro que ia tendo consequencias desastradas.

Portaria ao guarda marinha pedestre Guilherme, ondenando-lhe que vá á rua por detraz da Sé e previna a uma creoula que alli vende *mocotó a' meia noite*, que si no sabbado vindouro se repetir em sua casa as scenas que se deram no passado será immediatamente presa e remettida ao Ariani para tratar de animaes. Cumpra.

—Guarda marinha!

Vá por estas ruas até chegar a um *grande campo*, e procure por la um *feliz capitão* que para seu recreio tem na porta um *gato*.

—Ja sei quem é.

E' um barbaro e deshumano homem que tem em seu poder uma pobre rapariga paralda de nome Maria, a qual vive trancada em um quarto sem ver dia nem noite, martyrisada pelos mais crueis tratamentos, chegando a barbaridade a ponto de queimarem-na com ferro em brasa.

—Pois então chame esse *feliz capitão* á falla, que quero remettel-o á policia que lhe tomará contas.

—Ha tres dias que está essa negra a dormir no meio da rua!

Pobre, doente a ponto de não poder andar!

—Na segunda feira encontrei-a. Vinha pelos Dendezeiros a arrastar-se pelo chão.

Alguem que comigo ia para a cidade disse: Esta pobre preta vae ao Bomfim nesse lastimavel estado a ver si melhora.

—Pois, pelo que me parece, ainda não chegou á igreja; tem dormido defronte da cocheira do Ariani.

—E tem chovido estas noites!

—Que paños sao aquelles?

—Aquelles que estão junto ao muro que  
vae ter à egreja?

—Sim.

—E' o fardamento e a cama da infeliz...

—Em que paiz estamos nós?

Nem a charidade particular, nem a pu-  
blica!

Oh! Deus do Céu!

Vae tão perverlida a nossa sociedade?!...

—Não, Sr.; a charidade particular existe,  
mas recebeia.

As melhores acções são desvirtuadas.

Houve já quem agasalhasse a preta; mas  
constando que ella era escrava d'uma outra,  
de nação mina, moradora aos Mares, a  
bondosa pessoa que a acolheu despediu-a,  
por que sendo a preta moça e podendo me-  
lhorar, bem podia ser que a dona quizes-  
se protestar por dias de serviço e o mais  
que se segue.

—Rem; e a charidade publica? Os hos-  
pitaes, os asylos, para que foram feitos? As  
authoridades para que existem?

—Isto lá não sei. O que é verdade é que  
a negra está doentissima, maltrapilha, ex-  
posta ao sol, ao frio, ao sereno e a' chuva  
no largo do Bomfim, na leal e valorosa ci-  
dade de S. Salvador, Bahia de todos os  
Santos, imperio *constitucional* e catholico  
do Brazil.

—Do que me livre eu!

Estou deitando a alma pela bocca!

—O que lhe aconteceu, homem de Deus?

—La sendo victima agora de uma malta  
de vacas e bois bravios, que andam á  
pastar pela Estrada Nova, entregues a um  
preto velho, e que vivem a investir contra  
quem passa.

—A quem pertence esse gado?

—Não sei. Com o susto, não me lembrei  
de indagar.

—E os fiscaes?

—Ora os fiscaes! andam pelas quitandas  
e açougues, vendo cousa que faça mais  
conta.

—Decididamente vou me declarar li-  
gueiro de corpo e alma.

—Então porque, amigo?

—Porque quem é ligueiro está exem-  
pto de certas cousas.

—Já tardava com uma das suas.

—Mas não viu o caso do subdelegado

da Conceição que mandou soltar o Belmi-  
ro por ser ligueiro!

—Historias!

—Historias? Mas o caso é que elle não  
desmentiu o *Jornal da Bahia*.

—Porque não quiz dar importancia.

—Na falta de defeza tambem se descul-  
pa com o não dar importancia a folhas.

—Faz obsequio de se deixar de cousas.  
Para que ha de procurar novidades?

—Está porque dizem que V. Ex. só falla  
dos vermelhos.

—Ora vejam!

Aquelle crioulo, dizem, quiz matar a se-  
nhora e la vae preso; teve porém uma  
syncope e largaram-no alli no chão, à rua  
Direita de Santo Antonio.

—Oh! os guardas deixaram o preso mor-  
rer e foram-se?!

—Não, estão a pegar a torto e a direito  
os negros que passam e como um não  
quiz carregar o doente, está sob a pressão  
da *virga ferrea* de seu catatão!

—E isto succede na Bahia aos 25 de ou-  
turbo de 1864.

—Dizem que o *Alabama* é paschim e o  
*Diario* trouxe ultimamente *bellezas* sobre o  
theatro.

—Mas é gazeta grande, e official.

—A proposito, tem visto o que tem ha-  
vido no theatro? Versos funebres, *satyricos*  
e *roxos*, pateadas e o diabo a quatro.

—O que é costumado não é ignorado.

—Quando a mulher è bella, é linda,  
ainda que seja uma leôa, tudo que faz é  
bom; assim diz o Santa Barbara.

—Ainda quando o fogo della (isto é o  
que ella accendeu em caza) seja tanto que  
para apagal-o se torne preciso o marido  
chamar povo da rua.

—Quer dizer que dá pancadas? Safa!  
que amor azedo!

—Certo filho da *Estranja*, pedante em  
extremo, professor de *varris linguis*, in-  
solente e immoral a ponto de ser encon-  
trado em qualquer loja....

—Mas que tem?

—....anda vendendo suas pomadas, e de,

pois, como caloteiro que é, tracta de chamar os outros caloteiros para não ficar só.

—Muxingueiro, vae ordenar-lhe que se cale, e si *respingar*, mette-lhe a taca de rijo!

—Por S. *Alexandre*, capitão, que ventura!

—Nada é isso—

—Esses *beatos* diziam que não haveria mais diluvio; agora desejava eu vel-os todos affogados em Santo Amaro.

—Enchente?

—Chuva, diluvio, agua do cen, como no Rio de Janeiro!

—V. está doudo, homem!

—Doudo?! Si é capaz, passe por lá pela rua da Lama sem cauda, e veja si vae ou não ao fundo.

—Que diabo de *lobo* é nu?

—Que *lobo*, Sr?

—Um *lobo de Santo Antonio*!

—Ah! isto é um *juiz* da roça dos mã-mões lá para a banda da freguezia dos sanhaços!

—Ah! esse sujeito dizem que faz o diabo.

Ultimamente fez uma diabrura com uma espiogarda, não accitou procurações bastantes, condemnou nas custas o *segundo*, marcou audiencia extraordinaria, suspendeu-a, e ficaram muito satisfeitos elle, o *author* e o vinho que formam uma inseparavel *trindade*.

—Ah! eu logo vi que o homem tinha jauntado!

—Mas é vingança mesquinha; tudo quem occasionou foi elle, vermelho na cara e na politica, negro no coração e nas acções.

—Deixal-o, pobre diabo!

O *presidente* ou chefe dos Braz - Mimosos accendendo o charuto no archote de Amor e recebendo deste um lindo chinó (Extracto do *Punch*.)



Ja viram, rapazes  
Meu chinósinho?  
Como fica de gosto  
E assentadinho?

Logo assim, logo assim  
Hei de me casar.  
Já tem feito rir ás moças  
Tem feito velhas chorar.

Que admira que se inflamme um velho em amor, quando hoje tornam-se os velhos *mancebos*!

Feliz invento dos olhos de vidro!

Feliz achado das dentaduras!

Feliz lembrança das cabelleiras postigas!

—Está dito!

Quem dá seus dois *bicos* para ir ao theatro ver os espectaculos, já não pode divertir-se a gosto!

—Então porque?

—Ainda pergunta!

Por causa do *barulho* da platéa: alem das palmas e foras, uma porção de desfructaveis a gritarem com todas as forças

dos pulmões—Fulano—scena—Sicrano—scena—etc. de sorte que si estivessemos na França muita gente julgaria que os gritos eram *innundações* do Sena—e tratariam d'escapular a afim de não se afogarem naquellas aguas.

—A sua comparação nada vem ao caso, mude de estilo si quiser ter foros de spiritoso, aliás vá plantar batatas.

—Alli, na ladeia do Pilar ha uma negra ouca.

—Que se ha de fazer?

—Deitada é qualquer hora no meio da rua! Todos que alli passam tem visto.

—Só a policia não vê.

Que se ha de fazer?

—E até o fiho do Sr. professor e juiz de paz, Leitão, desce pelo quintal e vem vem atormentar a infeliz!

—Que se ha de fazer?

—Só nesta terra se vê disto! Um fiho de educador, preparador da mocidade e authoridade, tão mal comportado!

—Que se ha de fazer?

—Ora viva!

Que se ha de fazer!

Reclamar provideneias.

—Si tem bons pulmões, grite para ver si o accode alguma irmã de charidade, que, além de ser gente que monopolizou o genero, são os anjinhos da terra, de tudo se condõem.....seu officio é socorrer á humanidade.....

—Que fazem na Praça aquelles carros?

—Levam munição, calca grossa.

—Engano! Estão alli para o acompanhamento funebre da corporação dos varredores.



—Olé! como está valente!

Que enthusiasmo!

V. com este valente cantatan... dá uma rajada no mar... com os diabos lá se vai tudo a pique!

—Ca, ca, ca.

Vá metter medo ao Moncho!

—Olé!

Que rompante hespanhol,

Si não conhecesse o como Roldão comia-o por D. Quichote.

Olá caromba! Caraco!

## A PERDIDO

Um curioso des ja saber si é forro ou escravo um mulatinho que anda muito maltratado vendendo plantações da casa do Sr. major Coelho em um taboleiro, e que veio ha tempos de Seripe.

A visão.

Maguel Antonio Justo declara que nem elle nem pessca de sua familia teve parte na publicação feita no *Alabama* sobre negocios de uma professora; satisfação que dá por li'a attribui em spiritos malevolos e intrigantes.

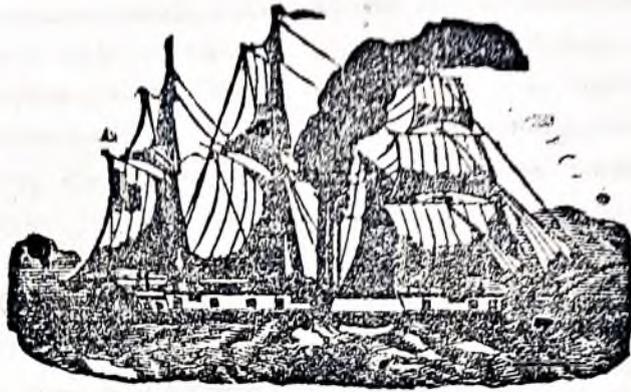
Pede-se ao inspector do 4.º quarteirão da feguezia do Pilar, providencias a fim de serem removidas do Caes Dourado em frente da casa n. 66. umas africanas quitadeiras que ali costumam cantar té 9 horas da noite, incommodando a visinh neça, e a quem passa, fazendo alarmas com os parceiros que passam, e prestem sua condjuvação p a quanta immoralidade querem praticar.

## ANNUNCIOS.

### Relojoeiro.

Januario de Amo im Vieira declara que abriu a su caza de trabalho a' rua dos Ourives n.4 1.º andar.

Aprompta todo e qualquer relogio com brevidade de tempo e por preço commodo.



# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 13.ª

BAHIA 29 DE OUTUBRO DE 1864.

N.º 128

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., à rua da Misericordia n. 17 a 1\$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 28 de outubro de 1864.

Officio ao Exm. presidente da provincia para que dê suas ordens afim de que seja concertada a antiga cloaca por baixo da Relação para que os soldados da guarda de palacio, tenham onde satisfazer as necessidades corporeas, e não façam do largo por detraz da mesma Relação despejo publico afim de que aquelle logar não fique reduzido como está a um deposito de imundices.

—E a dar-lhe!  
Que patifes!  
Quem faz pasteis não pode fazer versos!  
E é excommungado!  
Tratantés!  
Julgam os outros por si.  
Como não sabem sinão dar couces...  
—Olhe o padre Ayres!

—O *Alabama* já recomeça com seus sobrados a cahir, Pelo que vejo o gosto delle é que tudo venha abaixo.

—Mas por que?  
—Porque fallou tanto em muros e pa-

redes e cazas a cabir e até hoje nem u-na cabiu.

—As que não cabiram foram demolidas; as outras cabiram. A do gazometro por exemplo, cabirá. Si a outra que não estava rachada e que levou mais de trinta annos em pé, cabiu, quanto mais essa que ainda não ha um anno que rachou-se.....

—Cassandra caricata!

—E tu, bobo? Só fechas a porta depois de roubado.

—Capitão, uma historia

—Estou attento.

—No dia cinco d'um mez que era o oitavo do anno, quando principiava este pelo mez de março, n'uma villa, Santarew, por exemplo, deu-se um caso singular.

—Em que anno?

—Não importa o anno. O subdelegado, cujo nome não direi...

—Diga, João.

—...e que vivia sempre a gozar da deliciosa sombra d'uma *pereira* e que era parente d'um *Souza* que alli morava....

—O nome do sujeito!

—Sacre nom de Dieu *Miccerel*!

Olá, capitão!

—Continue.

Que fez o diabo do homem?

—Entrou por uua caza de familia ho-

nesta, raptou uma moça e empinou-se apozar do ser cazado e ter filhos!

V. Ex. o que faria n'um caso identico?

—Eu nada; não sou chefe de policia...

—Ah! então esperemos.

—O nosso theatro de S. João tem estado *impagavel*, parece mesmo uma casa d'O-rates.

—Deveras?...

—Ainda duvida: na noite de 23, no beneficio do Peregrino, houve moscas por cordas e mosquitos por arame; houve muitas pateadas, muitos assovios, e até baltimento de pés.

—Continue...

—O Amoedo, a Manneli, a Leolinda, e até o proprio emperezario foram pateados.

—Porque?

—Pela influencia lunatica dos *partidos*.

—Que partidos, homem de Deos! Pois no theatro já existem *vermelhos e ligueiros, verdes e amarellos*?...

Não senhor; não é politica de *governo*

—é politica de *bas idores*.

—Ponha-me isto em trocos miudos.

—Pois la vai.

O theatro está dividido em dous partidos.

Um intitula-se—*Leolindista* e o outro—*Manuelista*; uns applaudem a Manuela, outros a Leolinda,

—Quanto a isso estão no seu direito; cada um come do que gosta.

—Isso é o menos: podia cada qual applaudir a sua *nirphal* em pateadas, *estron-dos*, nem voscrias, actos sem duvida improprios d'um publico illustrado.

—E'ca que partido pertence o Sr.?

—Já se sabe—ao lado dos *imparciaes*.

—Não o culpo; mas quero saber o que seja esta ordem de gente.

—Eu lh'o digo.—São aquelles que applaudem, quando os artistas merecem, e se calam, quando elles não vão bem.—

—Eae; a estes pretendo alistar-me.

—Acho justo si não quer representar o papel de *desfructavel*.

Ora ainda mais este!

Ergamos poucos, nosso pae mandou mais.

—O que dizes?

—Mais um e intruso e insolente!

—Quem, homem?

—O presidente calvo, o *mentor calvo* e como prova do nosso antigo dominio na provincia cisplatina, mais um *calvo* do Rio da Prata!

Parece que a epocha é dos *carêcas*...

Quantos não haverà pelo bendito Rio de Janeiro!

—Mas que *calvo* é esse do Rio da Prata?

—E' um atrevido basofo, um desfructavel redactor da *Reforma Pacifica*, de Montevideo.

—Pois olhe lá, nem tão calvo que...

—...lhe appareçam os miolos.

Que de miolos é que justamente precisa o bobo.

—A proposito, sabe a chula?

—Qual, a do patola?

A' lua comeu-te

Da cabeça a bolha.

—Ah! esse vredade, capitão lua brocou cabeça di ère, ere tà cuma figura de fabula; cássica só; raposa sórta latim:

Oh! quanta species. *Cerebrum non habet!*

—Negro!

—Puff, capitão!

—Negro!

—Capitão, puff p'ra *carivo* qui queré *re-forma* de paze e procura language ni quitanda di negro.

—Viu a *Critica*?

Lembra pedras e pedradas.

E tem rasão.

—E tem. Com effeito foi assim: Antes de chegar a eleição de 7 de setembro a calçada foi se concertando até chegar à egreja da Sé, onde parou e ficaram as pedras soltas que *serviram*. Agora que se fallava em alarma continuou o concerto e as pedras caminharam para a Praça, assistir á apuração geral.

—Quer V. dizer que a camara, por ser vermelha, queria pedradas e ajuntou pedras?

—Si não é, parece.

—Mas qualquer que seja o partido da camara, ella não pode querer guerra.

Seu emblema é uma *pombinha* com um ramo de Oliveira no bico, o que significa —paz— em toda extensão da palavra.

—Ah! é por isto que a camara gosta de revoluções de pedras! Pedras são pombos sem azas.

—~~-----~~

—Capitão, sabe quem convocou seus credores para pagar-lhes com 10 %?

—Não.

—O Bigode de ferro.

—Mas isso não é possível! um homem que gastou mais de 2:000\$000 nas proximas passadas eleições, segundo elle mesmo disse!

—Pois foi justamente por isso que quebrou.

—Mas si elle estivesse em tão ruins circumstancias não havia de ser director de uma caixa importante.

—Isto prova somente que os tratantes sabem insinuar-se e que tambem no commercio, nem tudo que luz é ouro.

—Ao menos não o podem acuzar de ser mau director, por que, honra lhe seja feita, para qualquer letrasinha de horra, elle exigia logo duas firmas de negociante acreditado.

—E' que gato ruivo do que uza d'isso cuida, e depois são necessarias estas imposturas de severidade para enganar es papalvas.

—Homem, ainda digo que V. está enganado. Quem se acha em tão más circumstancias, não compra chapas, como elle fez a 40 e 50\$ rs. cada uma, nem tão pouco dá 200\$ rs. ao Papa-gatos para trahir o lado contrario, nem tambem dá chás etc. etc.

—D'ahi bem pode ser que essa quebra não passe de esperteza para o *cujô* arma-se, e deixar na gnga, como dizem, ao pobre cunhado, de quem tenho pena, por ser homem de bem.

—E não tem V. pena da Emilia, com quem elle gastava dinheiro!

—Ora pena! elle não está la tão ruim como isso. Em ultimo caso resta-lhe a *authoridade da paz* e si não diga-o o Lobo que é jubilado, e elle mesmo que com a gente dos cotovellos faz as todas.

—E' possível!

—Capitão, a epocha é dos piratas e dos audaciosos!

—Em ultimo caso o irmão thesoureiro que é homem *rico* hade tudo pagar e salvar os *creditos* da familia.

—Quem? o Poia? O capitão não o conhece! Bem se embaraça com a prosapia da *fidalgageraçã* Era o que faltava! que o capacho do Antão fosse parente ou amigo de quem delle precisa. Não está má! pois si o Poia o que quer é gente de quem possa tirar partido!

—V. Está muito maledicente.

—Não ha tal, é que eu conheço bem o meu gado e doe-me ver os incautos, como o capitão por exemplo, gastar tão boa cêra com tão ruins defuntos.

---

## A PÉDIDO.

---

—Que cafurna é aquella no Caminho Novo?

—E' uma caza de ratos.

—Que gritos são aquelles?

—Modinha.

—Ah! sim! é alguma ramificação do olho-vivo.

—Justamente.

Passou por alli um rapaz de nome Miguel José Barreto e como ia bem trajado, chamaram-no e bifaram-lhe o chapéu que é na verdade lindo; é um dos poucos de cortiça que aqui vieram; foi comprado ao Monat, em cuja loja se disse que só quatro tinham vindo.

—E então ficam todos com o laben?

—Não, consta que um tal Vicente da Estrada Nova foi quem o bifou.

—Guarda-marinha, mande pegar o cujo, para fazer-lhe as contas.

~~~~~

—Um facto importante.

—Alguma pomada sem duvida.

—Não é cousa seria.

—Pois bem, conte la isso, mas não masse.

—Passei, antes de hontem, pelo logar das cruces e vi uma berreira dos diabos; eram alguns artifices que *discutiam*. Parei e ouvi um dizer: mercê de Deus, Sr. presidente, para honra e moralidade desta casa, o tratante ha de ser expulso.

Ora, sempre que vejo alguma novidade, desejo saber o que é...

Entreí e vi uma sala quadrada, bancos, um quadro e duas mesas, no centro de uma destas em outro tempo, *Freitas*, inchado como um pavão, um *artilheiro*, o cujo das *cadeiras* (boa firma), um bispo mitrado, um gallo, o filho do matta porco, o mercurio dos franciscanos, um, que tendo de menos um olho vê mais do que os outros; um *pardavasco* da cabeça grande, perito official de *vender sapatos*; aquelle musico que quando thesoureiro de Santa Cecilia teve um negocio de dinheiro com o Simbertto; um cigano do Caquende, um *pe^orito* artista do officio de mandador, e n^o meio desta passarlhada, o *Candinho*, tambem distincto na *arte* de fazer noticias que, como um gavião, queria bicar tudo.

Era este quem dizia: felizmente o tratante vai p'ra rua etc. Mas pode apparecer outro..... e.

Então a *passarlhada* toda berron, de modo que até aquillo me parecia mais uma quitanda que assemblea.

—Mas quem era o tratante?

—Não sei; repito o que ouvi e vi. Encerrada a discussão, isto é acabada a gritaria, posta a votos a materia, foi approvada unanimemente?

Então para poder contar-lhe, perguntei a alguém que la estava o que é que votou-se?

A *expulsão do recebedor*, respondeu-me, por indigno de pertencer à sociedade, pelo facto de haver empalmado tresentos e cincoenta mil reis!

—Oh! homem isto é verdade? Como este honrado procurador, tornou-se assim?

—Ora, elle já o é desde antes de nascer.

—E a sociedade fica sem o dinheiro?

—Não o thesoureiro entrou com elle.

Pede-se ao Sr. J. J. Chaves procurador perpetuo dos devotos de S. Joaquim, que se festeja actualmente no convento de S. Francisco queira publicar a conta de receita e despeza feita com aquella devoção no presente anno.

Um devoto.

Sr. redactor do *Alabama*.—
Em um do seu numero passado dizem ter se publicado um artigo, que com quanto nenhuma parid. do tenha com a pessoa a que se allude, todavia alguns desafectos gratuitos do Senhor F. P. B. negociante estabelecido na cidade de Cachoeira, propalam acintosamente ser em referencia ao mesmo Sr; e como seja isto uma falsidade somente para deprimir da reputação d'um homem, que sempre se ha portado dignamente, peço a V. o favor de dizer pelo seu jornal si esse artigo foi publicado alusivamente ao individuo cujas iniciaes se lê acima, com o que fará V. um favor ao

Inimigo da mentira.

Nenhum artigo em tal sentido nem em referencia ás iniciaes F. P. B. foi em nosso periodico publicado — *1 Releção*.

ANNUNCIOS.

O theatro de S. João precisa de uma actriz que tenha o *TALENTO* da Leolinda.

Ama de cosinha.

N'esta typographia se indica uma de excellentes conducta.

No dia 13, ou 14 do corrente fugia do abaixo assignado a sua escrava, mulata de nome Bernardina, com os signaes seguintes: altura regular, magra, cara redonda, pés pequenos e secos, cabellos annellados cortados á thesoura, ultimamente, já um pouco crescidos, olhos grandes e pretos, tem duas cicatrises no pescoço (do lado esquerdo) com falta de dentes no lado de cima, costuma mascar fumo, e com quanto seja moça com tudo parece ser idosa, levou vestido, saia de chita acabocolada, panno da Costa inglez com listas azues e brancas, lenço de chita na cabeça, tudo já usado; consta que tem sido vista, pelo Sangradouro, Mercéz, Gambôa e Afflictos, quem a prender e leval-a ao trapiche Barnabê, ou ao armazem do Sr. Manuel José Antunes à Praça do Commercio, sera recompensado.

Bahia 24 de outubro de 1864.

João Martins da Silva.

TYP. DE MARQUES, ARISTIDES EC.